



farol de esposende



QUINZENÁRIO
65\$00

PROPRIETÁRIO:
FORUM ESPOSENDE

DIRECTOR
NOGUEIRA AFONSO



PORTE
PAGO

SAI ÀS QUINTAS-FEIRAS
ANO 4 - N.º 84 - 22 DE SETEMBRO - 1994



J. A. Pires Clemente & Cª Lda.

Rua Rodrigues Faria, nº 2 - 2º
4740 ESPOSENDE
Tels: 053-965198
Tel Mov: 0676 753164
Fax: 053-965199

O NOVO ANO LECTIVO NO CONCELHO DE ESPOSENDE

REABERTURA DAS AULAS COM ALGUNS PROBLEMAS

Dando cumprimento ao anteriormente determinado (excepção feita na Escola Preparatória António Correia de Oliveira, em Esposende), teve início o ano lectivo 94/95, em todos os estabelecimentos de ensino no concelho de Esposende. Assim, e como estava previsto, menos a excepção atrás referida, entre 15 e 19 do corrente, as escolas concelhias abriram as portas a cerca de 6.500 crianças e jovens que esperam dentro de um ano terem vencida mais uma etapa da sua vida cheia de esperança no futuro.

Antes de mais, convém realçar que o concelho de Esposende é um dos mais bem dotados no distrito de Braga, no âmbito de construções escolares, com uma boa assistência a nível de transportes escolares onde, se há falhas, devem-se às Empresas Rodoviárias e não à Câmara Municipal. Todavia, «não à bela sem senão» e, como aliás quase sempre acontece, neste reinício de aulas, ouvimos os principais respon-

sáveis pela gestão das escolas lamentarem-se da falta de material, da necessidade de obras de manutenção e reparação nos edifícios, da inexistência de pessoal auxiliar de acção

funcionamento dos estabelecimentos de ensino no concelho.

Assim, ao nível do ensino pré-primário refira-se que, em 12 das 15 localidades concelhias, está instalado este ensi-

passos da vida escolar, cerca de 500 crianças. Para além destas 12 unidades, funcionarão ainda mais 3 (em Goios, Gemeses (Souto) e Marinhas (Cepães), que estão a aguardar publicação no Diário da República, ficando, deste modo, coberta a rede do ensino pré-primário concelhio, pois em Vila-Chã, Mar e Esposende funciona também, sob a jurisdição de instituições privadas.

Quanto ao ensino básico — 1.º ciclo — há no concelho 31 escolas com a novidade de em Forjães o 1.º ciclo ter sido integrado no terreno da Escola C+S que agora passará a classificar-se por E.B.I (Escola Básica Integrada).

Trabalham neste 1.º ciclo cerca de 120 professores para ensinarem 2.250 alunos, aproximadamente.

Assinale-se que dos 31 estabelecimentos referidos, há um que se encontra em precárias condições de conservação, se-

(Continua na pág. 3)



Novo edifício da Escola Preparatória António Correia de Oliveira

educativa, e mesmo de estruturas indispensáveis ao normal funcionamento das actividades lectivas.

Numa breve retrospectiva, procuraremos abordar, ligeiramente, o panorama real do

no oficial, nomeadamente em, Antas, Apúlia, Belinho, Curvos, Fão, Fonteboa, Forjães, Gandra, Gemeses (Calvário), Marinhas, Palmeira e Rio Tinto, onde 20 educadoras ajudam e orientam, nos primeiros

EDITORIAL

Um dos problemas mais capital do tempo presente tem sido, e é, o que se põe constantemente aos jovens, como estudantes, e aos pais e professores, como educadores.

A sociedade deste século evoluiu rapidamente, por força do desenvolvimento veloz da ciência e da tecnologia e o ensino não conseguiu, muitas vezes, ajustar-se à necessidade da actual realidade cultural e científica.

Constata-se, por toda a parte, um desajustamento dos planos de estudo, dos programas e, o que é mais grave, da formação dos educadores em relação às exigências, aspirações e desejos de uma juventude irreverente, que não hesita em contestar, por vezes violentamente.

O mundo em que muitos foram educados não é o mesmo de agora, embora ainda seja mundo.

Por isso, há necessidade, casa vez mais premente, de serem repensadas muitas questões e de se alongar sempre o período da formação de cada um, tornando-a actual e real, sobretudo na melhor preparação dos professores e estabelecendo uma distinção entre «êxito professoral» e «êxito educativo». A educação deveria ser entendida como formação; a instrução como desenvolvimento individual da personalidade e das tendências da criança e do adolescente; e a escola como modelo do processo ensino/aprendizagem, onde o aluno vai aprender e o professor lá está para ensinar.

Não seja permitida a vanguarda à pedagogia do «aprender a aprender». Isto é pôr em causa um manancial riquíssimo de saberes, que o homem foi adquirindo na dialéctica ensinar/aprender; isto seria esquecer uma história de milhares de anos.

Não deixemos acabar os valores e os nobres conceitos de educação respeito, obediência, crença e confiança de que os educadores são inatos portadores e os alunos, atentos, seus seguidores. Que os professores ensinem, eduquem, orientem. Que os alunos aprendam a educar-se e a orientar-se. Que no final ambas as partes atinjam um êxito absoluto para bem da sociedade.

Ensinar, sim, mas é preciso saber ensinar. Aprender, sim, mas é preciso saber aprender. Aprender a aprender não concordamos, no século XX.

Oxalá o ano lectivo que agora começa seja excelente para ensinar e aprender.

N.A.

O CASTRO DE S. LOURENÇO

O Monte de S. Lourenço sempre foi convidativo a um passeio desintoxicante permitindo que ao piquenique do momento ainda se possa disfrutar de uma magnífica paisagem por todo o litoral concelhio.

Desde o ano transacto que a Câmara tem levado a cabo uma série de obras, de modo a ordenar os acessos à capela e criar condições que permitam um usufruir higiénico mínimo a todos quantos sobem àquele antigo castro.

Surpresos ficamos quando para além daquele ordenamento, outro, de carácter mais arqueológico, se está processando e que, segundo o nosso interlocutor, Dr. Brochado de Almeida, com quem tivemos uma despre-

tensiosa conversa de ocasião, terá o seu epílogo em 1996, num projecto que envolverá: escadarias, ponte aérea, reconstrução do núcleo habitacional e sinalização e publicação de brochuras sobre o que até então tiver sido realizado.

Após momentos de lazer no local, mais com o fito de observação que propriamente com carácter estudioso, não pudemos, no final da visita, deixar de dar o real valor a todos os que se vão esforçando para pôr de pé aquele espólio que já se intitula «Imóvel de interesse público classificado pelo Dec. n.º 1/86 de 3 de Janeiro» a expensas da Câmara Municipal de Esposende, nos seus serviços de Arqueologia.



Segundo o conceituado Forjanense e professor do Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras do Porto, que também vem apoiando o projecto, já haveria vestígios daquele cas-

tro, tal como o confirma Martins Sarmiento, o grande iniciador da arqueologia em Portugal. De resto, o Dr. Brochado de Almeida

(Continua na pág. 3)

AS ESPECÍFICAS DE QUÍMICA

Aterradores, calamitosos, vergonhosos... foram estes os adjetivos utilizados por alunos, pais e professores na caracterização dos resultados das Provas Específicas de Química. Se em 1993 a média nacional de 21,6 pontos (em 100 possíveis!) chocou toda a gente, que dizer dos 12,7 deste ano?

Ainda mais incrível: sendo Química já em 1993 a disciplina que registara os piores resultados nacionais — inferiores inclusive aos de Matemática ou de Física — os responsáveis pela elaboração da prova conseguiram a proeza de obter, em 1994, a maior queda em termos relativos, contrastando com a subida em disciplinas como a Biologia e a Geografia ou com as descidas moderadas de Física e de Matemática. Como entender tanta diversidade?

Não sendo de crer que tenha havido, de um ano para o outro, «desnorte» dos alunos ou dos professores — nesse caso, como explicar as melhorias noutras disciplinas — parece evidente que a causa deverá residir na própria prova de Química. Concretizando melhor, houve de 1993 para 1994 — esta nossa opinião é partilhada (ver jornais) por muitos dos colegas de profissão — um agravamento da dificuldade da prova e principalmente do rigor com que foram definidos os critérios para a sua correção, que exigiam dos alunos, não apenas respostas completíssimas, mas também que (no escasso tempo que lhes era concedido) expusessem toda a ma-

téria que com elas se relacionava.

Mas o pior estava ainda para vir... Como fácil será de conhecer, tal descalabro suscitou uma avalanche de pedidos de revisão das provas. Tivemos a oportunidade de, a pedido de alguns dos nossos alunos, observar detalhadamente o modo como estas foram corrigidas, tendo verificado a ocorrência de frequentes erros de interpretação das respostas e, acima de tudo, o não respeito por parte dos correctores dos próprios critérios — já de si demasiado penalizadores — definidos pelos autores da prova. Num caso real com que deparámos, uma prova classificada com 36 pontos poderia, sem qualquer favor, ter passado para 46 ou mais pontos, com um corrector mais criterioso. Vergonhoso foi o modo como a equipa de revisores apreciou os milhares de recursos apresentados. A título de exemplo, no distrito foram 5 as subidas de nota (nenhuma, em todo o caso, nesta Escola) que resultaram desses pedidos em 1993; neste ano, para 118 recursos, apenas um foi atendido. É caso para perguntar se os 3500 escudos pagos por recurso não serão já considerados uma receita indispensável para a saúde do sistema educativo, atendendo ao esforço feito para não reembolsar os estudantes dessa despesa.

Tendo-nos cabido, no ano lectivo de 1993/94, leccionar a disciplina na Escola Secundária de Henrique Medina, foi evidentemente com alguma frustração, apenas atenuada pela certeza

do cumprimento do dever, que encarámos os resultados das específicas. Não porque estes tenham sido particularmente negativos: a melhor aluna da Escola ficou situada num honroso 12.º lugar, para um total de 981 candidatos de todo o distrito de Braga, ao passo que em 1993 a melhor classificação fora um 31.º lugar (para menos concorrentes no distrito: apenas 762) Além disso, a média de Esposende ficou situada ainda mais acima da média nacional do que no ano lectivo passado, apesar do grande acréscimo das inscrições em Química: de 14 em 1992/93 passaram a 33 em 1993/94, o que faria *a priori* reatar uma certa diminuição da qualidade dos resultados escolares.

Por tudo isso, não seria justo terminarmos sem uma palavra de apreço pelo esforço e mérito dos nossos alunos que tiveram de travar uma luta tão desigual. Uns obtiveram colocação nos cursos pretendidos, outros (não menos esforçados, certamente) foram menos felizes na *Roda da Sorte* do Acesso ao Ensino Superior. Um destaque especial é devido às alunas do 12.º B, Ana Márcia Barros Torres e Sandra Maria Saleiro Ferreira: rompendo uma barreira há muitos anos inviolada por estudantes do concelho, conseguiram atingir o curso mais desejado, Medicina, a primeira na Faculdade de Medicina de Coimbra e a segunda na Faculdade de Medicina do Porto. Os nossos parabéns!

José Rodrigues Ribello
Ana Paula da Silva Correia

ESTALEIROS EM MUDANÇA

Com alguma dificuldade vai-se transferindo aos poucos o Estaleiro da Ribeira para as novas instalações ao sul.

Os actuais utentes queixam-se da falta de apoio para esta demorada e custosa operação, apoios que lhes teriam sido garantidos pelas entidades competentes.

Agora tudo parece ter falhado (ou adiado?) e as novas instalações ainda nem electricidade têm...

Para além disso, as obras das Piscinas estão paradas.

Não avançam enquanto os Estaleiros não saírem. Diz-se que o empreiteiro já teve que negociar outras empreitadas, porque não pode estar parado. É só prejuizos...

E para nós?

A Câmara, segundo apuramos, vai ajudando no que pode, mas a Direcção Geral de Portos, não tem cumprido o prometido.

Como é?

Também será que ambas as «coisas» vão ficar para o ano?

Sinceramente, não é por «isto» que o Dr. Cavaco vai ganhar a maioria... Não adiem, que pode ser pior...

Como se ouve na telenovela: uma coisa é uma coisa; outra coisa, é outra coisa!...

MÚSICA CELTA

O Auditório Municipal foi animado, no passado dia 9 de Setembro à noite, com a presença de um grupo de cinco jovens irlandeses que vieram apresentar a sua música e a sua dança.

A entrada era livre e o público, principalmente jovem, encheu a sala.

BODYBOARD

No intuito de promover os desportos radicais, e á semelhança do que aconteceu com a caça submarina, a casa Ribeiro, de Apúlia, levou a efeito o 9.º Campeonato de Bodyboard Na Praia de Apúlia, nos passados dias 28 e 27 de Agosto. Estiveram presentes cerca de 20 Bodyboarders que, apesar de simples praticantes, demonstraram, que os desportos radicais ainda têm muito a dar em Portugal.

O que é necessário é que se apoiem os jovens no sentido de praticarem desporto, pois quanto mais



ocupados estiverem menos probabilidades há de enveredarem por outros caminhos menos saudáveis.

A ideia geral que ficou deste campeonato foi a de este não ser o último mas sim o primeiro de uma grande série. Agora ao fazerem Bodyboard estes jovens, e outros, estarão mais preocupados em melhorar as suas manobras para que no próximo sejam eles os primeiros. O resultado disso é que a qualidade vai subir e daqui podem surgir grandes campeões. A promessa da organização, e em resposta à malta, foi que para o ano há mais, certamente.

Para já ficam os três primeiros lugares, com destaque para a surpresa do 1.º lugar: 1.º Tozé — Apúlia; 2.º Jorge Cunha — Guimarães; 3.º Hugo Fonseca — Braga.

Falecimentos

MANUEL RODRIGUES PALMEIRA (Manuel da Lúcia)

No Hospital de Barcelos, para onde havia sido transportado após um acidente cerebral, faleceu, com setenta e sete anos de idade, Manuel Rodrigues Palmeira, mais conhecido por «Manuel da Lúcia».

Era casado com Noémia Martins e pai de Manuel Martins Palmeira.

«O «Ti Manuel da Lúcia» era um dos últimos carpinteiros da nossa Ribeira, tendo trabalho durante anos sob a orientação do mestre Francisco Ferreira.

O seu funeral realizou-se no dia 8, e após missa celebrada na Misericórdia, o corpo foi sepultado no cemitério municipal.

MARIA GONÇALVES FERREIRA DA SILVA (Do Arroz)

Também no dia 8, e no Hospital de Barcelos, faleceu a Sra. Maria Gonçalves Ferreira da Silva, viúva que ficou de António Ferreira da Cruz (o Arroz)

A extinta era natural de Esposende e contava 86 anos de idade.

Deixa numerosa família, entre filhos, netos, bisnetos e trinnetos.

O féretro, depois da rezada missa de Corpo Presente na Misericórdia, seguiu para o Cemitério Municipal onde o corpo ficou sepultado.

MARIA CÂNDIDA ALVES GUIMARÃES

No passado dia 30 de Agosto, faleceu a Sra. Maria Cândida Alves Guimarães, moradora no Bairro Social, nesta cidade.

Era casada com José Clementino Gonçalves Enes, desde há muito radicados em França, de onde tratavam de regressar de vez.

O seu funeral realizou-se depois da Missa celebrada na Misericórdia, e o corpo foi sepultado no Cemitério Municipal.

Às Famílias enlutadas «Farol de Esposende» apresenta sentidas condolências

A A.D.E. NOVAMENTE ASSALTADA

Pela segunda vez, neste ano de 1994, a Associação Desportiva de Esposende, a colectividade maior em termos desportivos e mais pobre em infraestruturas e património, a nível concelhio, foi alvo do instinto de malvez e vandalismo de alguns jovens, naturalmente, que se dedicam, pela calada da noite, a assaltar e a destruir.

Depois de em Março terem sido saqueadas as instalações da sede, sitas na Rua Rodrigues Faria, agora foram as instalações do estádio P.e Sá Pereira. Destruindo os canhões das fechaduras, os larápios arrombaram quase todas as portas, penetraram nas várias dependências sob a bancada e furtaram o material desportivo que quiseram, algum dinheiro que lá detectaram e, não satisfeitos, destruíram, por malvez, documentação importante e necessária que se encontrava nos arquivos do campo.

Segundo apurámos, os prejuizos materiais rondam as duas centenas de contos, enquanto os documentos destruídos são irrecuperáveis.

FALECEU O DR. HORÁCIO QUEIROZ DE FARIA

Vítima de doença prolongada e incurável, faleceu no Porto, no passado dia 15, o Comendador e mui ilustre médico-cirurgião, Dr. Horácio Queiroz de Faria, natural da Vila de Forjães, concelho de Esposende.

O insigne forjanense muito adorava Esposende e o seu concelho, passando muitas das suas poucas horas de lazer entre nós, nomeadamente na sua casa, na Quinta de Palmeira do Faro.

Esposende perdeu mais um amigo e benemérito e são muitas as famílias que lhe ficarão eternamente reconhecidas e gratas. Foi um médico muito dedicado quer ao Hospital de Esposende, primeiro, quer ao Hospital de Fão, instituições que muito lhe devem.

O seu feneal realizou-se no Porto, tendo o corpo do indito cirurgião sido sepultado no cemitério de Agramonte, naquela cidade.

Farol de Esposende presta homenagem ao homem distinto e manifesta á família enlutada o mais profundo sentimento de pesar.

ESCOLA PROFISSIONAL DE ESPOSENDE

Cumprindo o estabelecido para os estabelecimentos de ensino oficial, a Escola Profissional de Esposende iniciou as actividades lectivas no passado dia 19. Na reabertura foi feita uma recepção aos alunos, com a presença dos professores, da Direcção da Escola e de autoridades autárquicas.

No ano lectivo 94/95, que agora começa, a Escola Profissional de Esposende vai funcionar com cerca de 90 alunos, agrupados em 4 turmas, sendo 2 de Técnicos de Turismo (uma do

1.º ano, equivalente ao 10.º ano de escolaridade e outra do 2.º ano equivalente ao 11.º ano de escolaridade) e 2 de Técnicos de Mesa e Bar (uma do 1.º ano, equivalente ao 7.º ano de escolaridade, outra do 2.º ano, equivalente ao 8.º ano de escolaridade).

Para leccionar as aulas a estes alunos a Escola possui um corpo docente composto por 23 professores, que trabalharão nas renovadas e asseadas instalações da Escola Amorim Campos, em Fão.

«O DIABO À SOLTA NA ROMARIA DE S. BARTOLOMEU DO MAR»

O Centro Social da Juventude de Mar editou o livro «O Diabo à Solta na Romaria de S. Bartolomeu do Mar», da autoria do Rev.º P.e Carlindo Vieira, que foi pároco de S. Bartolomeu entre 1965 e 1973.

Felicitemos o Centro Social e o P.e Carlindo, pois com esta publicação o nosso património cultural foi enriquecido e agradecemos o convite enviado a Farol de Esposende.

O NOVO ANO LECTIVO

(Continuação da pág. 1)

gurança e mesmo higiene: é o edifício da sede n.º 1, ou Escola Rodrigues Sampaio, ou Escola de Esposende. Fazemos um apelo à Câmara Municipal para dar prioridade urgente às obras tão necessárias nesta Escola da cidade.

Passamos agora para os 2.º e 3.º ciclos e ainda para o ensino secundário.

Na C+S de Apúlia, que vai funcionar com 526 alunos, correspondentes a 23 turmas, sendo 10 do 2.º ciclo e 13 do 3.º ciclo, as aulas tiveram já o seu início, mas a falta de pessoal qualificado, no sector da cozinha da cantina, obriga a que os responsáveis não possam tê-la a funcionar o que implica haver aulas apenas no turno da manhã. Espera-se, porém, que, no mais curto espaço de tempo, o pessoal auxiliar seja colocado e as actividades lectivas, nesta Escola, retomem a normalidade para bem dos encarregados de educação, dos alunos e dos cerca de 60 professores que aqui leccionam.

Na C+S de Forjães, agora E.B.I., não há situações difíceis que tenham prejudicado a reabertura das aulas para os 143 alunos do 1.º ciclo; 10 turmas do 2.º ciclo; 16 turmas do 3.º ciclo; 1 turma do 11.º ano

e 2 turmas do C.C.N (Ensino Nocturno).

Na Escola Secundária Henrique Medina, onde o universo de alunos rondará os 1.700, as dificuldades maiores fazem-se notar na falta de pessoal auxiliar, pois a escola tem mais alunos, tem cerca de 170 professores e tem menos 8 funcionários do que teve no ano lectivo 93/94.

Não se pode admitir, embora se entenda, a política economicista do Ministério da Educação que, ano após ano, vem dificultando o bom funcionamento das escolas que, sem meios humanos, não podem dar cumprimento ao que lhes é exigido.

Finalmente, e talvez de propósito, deixamos, para concluir esta abordagem à reabertura do novo ano lectivo, a Escola Preparatória António Correia de Oliveira, em Esposende, este ano a funcionar, pela primeira vez, como C+S.

Depois de nos últimos anos a comunidade escolar servida pela Escola Preparatória de Esposende ou António Correia de Oliveira ter suportado trabalhar em condições inadequadas, quanto a instalações, particularmente no último ano, desde que se tornou realidade a construção de um no-

vo edifício. Por isso, é com justificada ansiedade que os utentes desta escola aguardam a abertura das suas portas, na esperança de encontrarem as melhores condições de trabalho para as funções e tarefas que cada um terá de desempenhar.

Referimos que se aguarda a abertura desta escola, pois é o único estabelecimento do ensino no concelho que não iniciou as aulas no período estabelecido para tal.

Segundo apurámos junto dos órgãos representativos da Escola, as aulas não começaram pelos seguintes motivos:

- falta de material didáctico nas salas de aula;
 - falta de pessoal qualificado para trabalhar na cantina;
 - a cantina não está devidamente equipada;
 - o pavilhão gimnodesportivo está pronto mas inadequado para dar cumprimento ao programa, nas aulas da Educação Física, por deficiência de marcações e faltas de material e estruturas de apoio;
 - finalmente, por não ter sido ainda desviada a feira quinzenal dos arruamentos envolventes ao novo edifício o que dificulta o acesso à escola e provoca exagerados ruídos impossibilitando o bom trabalho nas salas de aula.
- Por estas razões, que estão

acima escritas, as aulas no novo edifício da Escola Preparatória António Correia de Oliveira, ainda não começaram, mas devem iniciar-se na semana de 26 do corrente.

Nós só fazemos votos para que esta situação não perdure por muito tempo e que os responsáveis pelo atraso sejam chamados à atenção pois, quer queiramos quer não, estão a prejudicar cerca de 850 alunos que esperam desta escola muito de educação, de cultura e ensino.

BOLSAS DE ESTUDO A EMIGRANTES OU FILHOS DE EMIGRANTES

A Direcção-Geral dos Assuntos Consulares e das Comunidades Portuguesas atribuiu ao Instituto de Letras e Ciências Humanas da Universidade do Minho doze bolsas, no valor global de 610 contos, destinados a bolseiros, emigrantes ou filhos de emigrantes, que frequentem os cursos de Português, cuja inscrição se processa até 3 de Outubro próximo.

O LARGO DOS PEIXINHOS

Será tempo de voltar a este tema que tem apaixonado os que olham Esposende como terra sua.

O clima político local, durante o verão, foi aquecido pela sessão da Assembleia de freguesia a que foi dada ampla divulgação para que o máximo de Esposendenses estivesse presente e com este assunto como único ponto da agenda de trabalhos.

O Presidente da Câmara demonstrou coragem ao ir enfrentar uma Assembleia que lhe seria previsivelmente hostil e lá foi defender com paixão a sua visão do problema. Mas questão não será certamente se se deverá ou não construir o parque de estacionamento subterrâneo na cidade, apesar de não ser uma necessidade premente, à primeira vista, se há disponibilidades financeiras, para isso canalizadas, nenhuma razão haverá para que não se construa. Quanto a mim as questões que se levantam serão fundamentalmente porquê construí-lo num espaço sensível e estrangulado como o Largo dos Peixinhos quando há outros bem mais abertos e próximos do centro e qual a razão para que seja dado tratamento preferencial aos veículos da Câmara nesse Espaço.

Será que o centro da cidade será reserva da Câmara? Os habitantes e as actividades económicas privadas serão para serem de lá retirados? Quantas empresas estão a abafar o centro da cidade?

A PONTE

A ponte 25 de Abril voltou a ser o foco principal de notícias, os seus utentes não querem pagar pela sua utilização. Vários argumentos se podem levantar a favor e contra, mas a população da outra margem utiliza um investimento grande a nível europeu para utilização regional e por outro lado a portagem serve de dissuasor à entrada de veículos na cidade de Lisboa, dois argumentos que bastariam para justificar politicamente, pois que o pagamento de um serviço público é sempre, e só, resultado da vontade do poder político.

Quando alguns argumentam que nenhuma outra grande cidade europeia tem portagens nos seus acessos directos, esquecem-se que também nenhuma tem uma obra da dimensão da ponte sobre o Tejo para permitir o acesso e aqueles que clamam não haver portagens na maioria dos países europeus nunca devem ter saído deste cantinho da Europa.

Depois do que se passou o que esperaríamos as oposições que o governo fizesse? Mesmo que não tivesse razão nunca poderia voltar atrás a não ser que aceitasse o perigo de insurreição civil como uma expectativa do dia a dia.

E.TROVOADA

EXPOSIÇÃO DE PINTURA

Na Galeria de Arte Pop Cave, em Barcelos, está patente ao público uma valerosa exposição do jovem pintor, autodidacta, AFMACH.

O certame pode ser visitado até 30 do corrente, na referida Galeria, na Rua D. Diogo Pinheiro, 24-Barcelos onde o pintor barcelense delicia o público com quadros de «O Café do Galo».

Farol de Esposende agradece o convite e felicita o artista e os promotores da festa cultural que teve lugar no dia da inauguração da Exposição, no passado dia 16.

AGRADECIMENTO

MARIA CÂNDIDA ALVES GUIMARÃES

Seu marido, filhos e demais família vêm por este meio agradecer a todas as pessoas que os acompanharam neste doloroso momento e bem assim, nos actos religioso, com acompanhamento ao cemitério e presença na Missa 7.º Dia.

Esposende 20 de Setembro de 1994

A Família

O CASTRO DE S. LOURENÇO

(Continuação da pág. 1)

trabalha já desde 1985 sobre o projecto, convite que ora foi ractificado pelo actual verador da Cultura, Dr. Neiva, e sob a orientação do arqueólogo camarário, Dr. Rui Cavalheiro.

Como nos confidenciava o nosso anfitrião as escavações surgiram aquando da abertura de um caminho que o foi pelo meio do castro e que originou a intervenção arqueológica que, começando pelo salvamento inicial dos primeiros vestígios, cedo se terá concluído da necessidade de intervenção mais aprofundada. No momento os trabalhos estão numa fase de escavações e consolidação de estruturas. Por ser uma tarefa morosa e delicada requer uma especialização que leva à utilização da pedra caída e o recolocá-la no muro com uma liga de barro e cimento sendo o mais antigo separado do moderno por blocos de mármore.

O projecto em execução prevê um confinamento da CEE na ordem de uns milhares largos de contos e contempla uma passagem aérea de estruturas por cima da existente e continuação da escadaria até ao



sector mais distante bem como a reconstituição total de um núcleo habitacional com coberturas em colmo à época (2.000 anos A.C.) que sirva de postos de informação, distribuição e de carácter turístico e cultural a todos que queiram demandar o monte.

Sobre os trabalhos ora em curso as expensas estão a cargo da Câmara que apenas faculto o alojamento e refeições aos vinte elementos constituídos por estudantes das escolas do concelho, da Faculdade de Letras do Porto (Arqueologia) e licenciados nesta área (que já acompanhavam ainda como estudantes), pessoal este que trabalha gratuitamente, passando o

seu tempo de férias no projecto e, como já referimos, sob a coordenação do arqueólogo da Câmara e o próprio entrevistado.

Na visita, «placards» elucidativos dão-nos uma ideia do que está a ser levantado e podemos saber que esta estação arqueológica se chama Castro de S. Lourenço pelo facto de haver no cume granítico do monte uma capelinha de raiz quinhentista, consagrada ao mártir S. Lourenço e que foi um habitat da cultura castreja, cujo aparato defensivo é constituído por quatro muralhas e um fosso (sic.) Noutros sectores a elucidação aprofunda-se e especifica-se e para não tirar ao leitor a curiosidade

convidaríamos a uma visita ao local e sentir, no tempo, como o centro daquela acrópole também terá servido aos seus naturais como «...ponto de observação e vigia da orla litoral e da navegação... e após o período Romano no séc. V se terá ainda prolongado ao tempo da Reconquista Cristã (séc. X/XI). Indefesos, os povos deste sopé defendiam-se das algaras mouriscas e mais tarde dos piratas Vikings...».

Por certo que estas despretensiosas linhas não pretendem fazer uma total elucidação sobre o assunto deixando a pessoas mais qualificadas tal tarefa entre as quais o Sr. Dr. Brochado de Almeida que tão amavelmente pôde satisfazer também a nossa curiosidade.

Resta citar ainda que «...a mais antiga referência de que há conhecimento acerca do culto aqui praticado a S. Lourenço-mártir romano do séc. III-data de 1549, sendo a actual capelinha um revivalismo pseudo-gótico da década de 50 do presente século...» está situado a SW da freguesia de Vila Chã deste concelho de Esposende.

LINO REI/Julho 1994

ESPLANADA DO RIO

Av. Marginal

Esposende

A. FONSECA

A. PEIXOTO

DESERTIFICAÇÃO

Quem conheceu a zona agrícola da «Ramalha» e os seus inconfundíveis «campos masseira», verdejantes e produtivos todo o ano, se lá passar agora, a custo acreditará no que vê. Campos e campos abandonados, cobertos de ervas daninhas e silvas, secos, destruídos. Confrange e entristece.

O que se terá passado para que aquelas terras, do melhor que há, tenham sido votadas ao abandono?

Não é fácil apontar as causas, porque talvez sejam muitas e diversificadas. A emigração, o alargamento da idade escolar obrigatória e as consequentes facilidades para o prosseguimento dos estudos de estratos sociais que forneciam a grande parte dessa mão de obra, a fuga para os grandes centros urbanos, a pouca rentabilidade produtiva e económica, e as estufas, onde se produz e colhe todo o ano, sem os efeitos habituais da neve ou oscilações da temperatura e do tempo.

Haverá, certamente, outras. Mas, as causas apontadas, também lá estão. Seguramente.

Causas. Depois do efeito, depois as consequências. O recuo no tempo e a desertificação, como efeito; e a menor produtividade e a menor distribuição da riqueza, como consequências.

LIXEIRAS

Ainda na «Ramalha», junto à praia, nos «fieiros», nas dunas, nas bermas dos caminhos, e mesmo no meio dos pinhais, encontram-se dezenas de lixeiras, de difícil «digestão» para os olhos e para o olfato.

E, no entanto, a «Rama-

lha», praia, é uma zona muito procurada nos principais meses do verão, pelo sossego e bucolismo da sua paisagem, pela enorme extensão do seu areal e pela quietude das suas límpidas águas.

De nada valeu o esforço (e os custos materiais) do Gabinete da Área de Paisagem Protegida, ao colocar avisos por ali, a proibir o despejo desses detritos.

Nem as penalidades previstas no Decreto-Lei que neles se evoca põe fim a tanta falta de civismo.

E que podem eles (Área da Paisagem Protegida) mais fazer? Muito pouco, mas obviamente que algo do que colocar as placas e esperar que as pessoas emendem a mão, com medo das sanções.

É conhecer muito pouco do espaço em que se trabalha!...

ÉPOCA BALNEAR

Com a abertura oficial das aulas, marcadas para o dia 15 de Setembro, e com a ajuda perversa do mau tempo, que tem sido uma constante desde os primeiros dias do mês, já se foram os últimos banhistas des período, deste verão, que não terá deixado saudades a ninguém. Aliás, como já tinha acontecido com o Setembro do ano passado, também ele chuvoso e muito pouco movimentado.

Não há dúvida, isto está mesmo mudado. Dantes, (será só o imaginário das pessoas), era mesmo melhor. Os meses de Setembro, e até parte de Outubro, eram, invariavelmente, fartos de sol, de quietude e de calor. O mar era ainda mais manso do que em Agosto, e a frequência de veraneantes era bem mais consoladora.

Agora, com o desaparecimento (mais aparente do que real) das classes sociais, (já todos somos fidalgos), já nem os «restiveiros» nos procuram, como o faziam em tempos idos, depois das colheitas e das vindimas.

Agora (e ainda bem, pois subscrevo por inteiro as palavras do meu amigo Joaquim Peixoto, de Fão), lavrador e doutor vestem pelo mesmo figurino, frequentam os mesmos locais de recreio e de diversão, e têm gostos, desejos, e possibilidades materiais semelhantes.

E depois, o verão são os meses de Julho e Agosto. E as colheitas e as vindimas que esperem.

É o tal «Grito do Ipiranga», duma classe que apenas vivia agarrada à terra, para a terra, e pela terra, e sempre reverenciosa e obrigada...

RESCALDO DAS FESTAS DA SENHORA DA GUIA

Não queria que me interpretassem mal, que se pense que pretendo imiscuir-me nessa espécie de «código de honra» que é a faculdade concedida às Comissões de Festas da Senhora da Guia, para ser ela a dona, nos principais dias da festa, da zona onde as mesmas se realizam, mesmo que isso se revista de uma transferência de poderes...

Se sempre foi assim...

Mas há pequenos casos que merecem ser revistos e alterados, se não implicarem na quebra das habituais receitas, que a Comissão de Festas não pode dispensar.

A ocupação indiscriminada de ruas e passeios por tendas e barracas, dificulta o trânsito e não «soa» bem. E podiam ir para outros lu-

gares. E o funcionamento de «carroceiros» só devia ser autorizado poucos dias antes do pico das festas.

Também devemos ter em atenção que as pessoas vêm para a praia para descansar.

ABERTURA DAS AULAS

Para alguns começa agora a «grande aventura» da sua vida; para muitos começa apenas mais um episódio desse grande livro que irão escrever da mais importante fase da sua existência. O desconhecido para aqueles. Para estes a alegria de rever colegas e amigos, professores e monitores, numa ânsia do provir, que só se esvai quando tudo começar verdadeiramente a sério. Aí o desejo seria parar o tempo, receosos da incerteza do dia seguinte...

O panorama escolar de Apúlia que tem melhorado francamente nos últimos anos, vai continuar essa senda de progresso cultural, agora mais facilitado pela Escola C+S, que já alberga mais de três centenas de jovens.

E como esses são os homens de amanhã, os amanhã que aí vêm irão ser melhores para eles e para a terra, do que os ontens para os que os precedem. Porque a civilização, a luz, o conhecimento, a cultura, e até a educação, só eram permitidos a uma maioria de privilegiados.

O ensino Básico e Secundário arrancou e, segundo parece, com os livros mais caros, uns pontos acima dos aumentos salariais. Mas isso é assunto para os pais, e não vai ofuscar nem diminuir a alegria contagiante dos jovens nestes dias.

ANTÓNIO VILAÇA

Oportunamente dar-se-ão a conhecer os autores do evento a realizar...

É surpresa por enquanto.

ATIVIDADES CULTURAIS FOLCLORE

O rancho As Lavradeiras de Rio Tinto, tem tido muita actividade, citam-se as deslocações, a Gandra nas comemorações do 25.º Aniversário de Casamento do Ex.mo Sr. Presidente da Junta local e no dia 11 do corrente a Granja do Ulmeiro-Alfarelos a um Festival de Folclore, isto para além de ter contrato com o Hotel Ofir até final da época (participou também em diversas Romarias Minhotas).

Em todo o lado tem tido actuações dignas de registo dignificando a terra a que pertencem. Em suma continua a ser o embaixador mais airoso de Rio Tinto.

E porque, não dar-lhes uns chapéus novos mudando-lhes o visual?

CURSOS DE FORMAÇÃO

Vão iniciar-se os Cursos de Formação ao que consta ainda este mês e comemoração pelo 1.º ciclo (antiga 4.ª classe) visando dar aos interessados a instrução necessária.

Os trabalhos estão a cargo do Ex.mo Sr. Dr. Augusto Silva, representante do Ministério da Educação e terão lugar no Centro Cívico local.

DEFOLHADA TRADICIONAL

Soubemos de boa fonte que este ano terá lugar na nossa terra uma desfolhada a rigôr ou seja à maneira antiga.

Bem haja quem teve a ideia e que ela não morra.

de salvação que felizmente nunca foi utilizada; mas infelizmente há sempre quem prefira deitar para o chão lixo e outras porcarias que não vale a pena mencionar...

Nós, Riotintenses, não somos contra nenhuma espécie de turistas nem mesmo dos de Pata ao Léu ou Pe-rapado, queremos sim, que respeitem a nossa terra e em especial os jovens que num gesto altruísta e digno de registo, limpando, desbravando matas e silvados puseram a nú e à vista de todos um dos locais mais bonitos e conhecidos do Minho «O MARACHÃO».

Para eles a nossa gratidão.

OS CANDEEIROS DO LARGO DA IGREJA

Já foram bonitos, mas actualmente são absoletos e inestéticos, urge dar-lhes vida, pintando-os...

DIÁLOGO: PRECISA-SE

Redigir notícias para qualquer jornal, sobretudo de âmbito regional e/ou local, está a tornar-se cada vez mais difícil pelo facto de não podermos agradecer a «gregos e troianos» e daí surgirem as mais díspares interpretações acerca da ideologia ou pontos de vista do articulista. Não gosto muito de noticiar o comum do dia-a-dia quando não representa interesse para a maioria dos leitores.

Reflectir sobre os factos é, quanto a mim, mais importante desde que essa reflexão desperte as consciências e suscite uma mudança comportamental, capaz de beneficiar a comunidade em que nos encontramos inseridos.

Fui, algumas vezes, mal interpretado por referir aspectos não coincidentes com os dos visados, mas o meu objectivo não era estabelecer qualquer ruptura com as instituições legalmente constituídas, apenas pretendi alertar para a falta de diálogo, sempre no lu-

gar próprio e em tempo oportuno.

Pelo exposto, não posso concordar com o texto do Boletim Informativo N.º 5 do M.C. Fangeiro, por não ter sido objecto de diálogo prévio com os intervenientes e, pior ainda, por terem sido utilizadas expressões que não se adequam às pessoas que dirigem a colectividade visada. Poderia, neste momento, dar razão ao M.C.F. ou, pelo menos, ficar indiferente, se o assunto tivesse sido tratado com cordialidade e bom senso, o que não aconteceu.

Há outros factos do quotidiano fangeiro que também merecem reparo e que poderiam ser resolvidos de forma mais discreta, evitando-se juízos de valor sobre os objectivos implícitos, consequentes da análise do texto que tinha por título «justificação». O diálogo com a autarquia, entidade credenciada para encontrar a melhor solução, não existiu, e o conflito agudizou-se, desnecessariamente. Não é justo que se «divida» para «reinar».

Jornal «Farol de Esposende» n.º 84 de 22 de Setembro

CARTÓRIO NOTARIAL DE ESPOSENDE CERTIFICADO

CERTIFICADO que, por escritura de 16 de Agosto de 1994, lavrada a fls. 17, do livro n.º 69-C, de «Escrituras diversas», deste Cartório, foi outorgada uma JUSTIFICAÇÃO, na qual MANUEL CARLOS ALVES DE MATOS FERREIRA, casado, residente na Avenida Cinco de Outubro, desta cidade, na qualidade de procurador de:

MANUEL GONÇALVES FERREIRA MORGADO e mulher ROSA FERNANDES PEREIRA, casados sob regime da comunhão geral, residentes em Buenos Aires, Argentina, DECLAROU:

Que os seus representados são donos e legítimos possuidores, com exclusão de outrém, de um prédio rústico, de pinhal, no lugar da Bouça da Senhora, da freguesia de Gandra, deste concelho, com a área de três mil metros quadrados, a confrontar do norte com Naniel Ferreira Alves sul estrada municipal, nascente Matias Gomes Santa Marinha e poente também com estrada Municipal, não descrito na Conservatória do Registo Predial de Esposende, e inscrito na matriz em nome da outorgantes mulher sob o artigo 52 (antigo 1525), com o valor patrimonial de nove mil novecentos e oitenta e quatro escudos, e o atribuído de SETE MILHÕES DE ESCUDOS.

Que os seus representados sempre estiveram e se têm mantido na posse e fruição do identificado prédio há mais de vinte anos, cultivando-o, pagando impostos, administrando-o com ânimo de quem exercita direito próprio, fazendo-o de boa fé por ignorarem ler direito alheio, pacificamente, porque sem violência, contínua e publicamente, com conhecimento de toda a gente, sem interrupção ou oposição de quem quer que seja.

Que, dadas as características de tal posse, os seus representados adquiriram o indicado prédio por USUCAPIÃO, não dispondo, todavia, dado o modo de aquisição, de documento ou título formal que lhes facilite a prova do seu direito, base do registo que pretendem fazer a seu favor.

E, para suprir a falta de título, em nome dos seus representados, presta estas declarações para efeitos de primeira inscrição no Registo Predial.

ESTÁ CONFORME O ORIGINAL, NA PARTE TRANSCRITA E CERTIFICADA.

CARTÓRIO NOTARIAL DE ESPOSENDE, dezasseis de Agosto de mil novecentos e noventa e quatro

A 1.ª Ajudante

Maria Emília da Silva Freitas Pereira Amorim

RÁDIO DE ESPOSENDE — 93.2 FM

«Uma Rádio com prazer»

CURVOS

Dando continuação ao tema iniciado no número anterior, sobre a «extinta cultura do linho» e partindo do ponto onde ficámos (demorar o linho durante nove dias) podemos dizer que esta fibra precisava de tantos dias para secar como para demolhar. Tirava-se da água e levava-se para secar sobre as ervas do campo ou do monte, durante nove dias.

Depois de seco, apanhava-se e ia de novo a secar, mas desta vez numa eira, para ficar bem seco, mas não demais, para que não ficasse quebradiço. Só depois era malhado com as malhas das espigas ou então levava-se para moer num engenho.

Só a partir desta fase é que o linho começava a ser trabalhado quase exclusivamente por mãos de mulheres. Estas tinham que o espadelar nos espadeladores para que ficasse macio. De seguida fazia-se a asseragem para que as fibras ficassem completamente limpas da estopa. Era no pente sedeiro, com dentes muito juntinhos, que as estrigas de linho eram cuidadosamente penteadas e de

CULTURA DO LINHO TRADIÇÃO EXTINTA

onde se aproveitada a estopa sedeira.

Por fim, o linho era fiado, com a ajuda da roca e do fuso. Neste, faziam-se pequenas maçarocas que, no sarilho, eram postas em meadas. eram precisas 10 ou 12 maçarocas para se conseguir uma meada de linho.

Depois de fiado o linho apresentava uma cor muito escura e era preciso branqueá-la à custa de barreiras no cortiço e coras sobre a erva. As barreiras faziam-se com água, cinza, borras de vinho e, por vezes, folhas de sabogoeiro ou heras.

A fase seguinte era a da cozedura do linho, ainda em meados, dentro de um pote que levava palha no fundo.

Depois de branqueadas e secas, as meadas era colocadas na dobadora para formar os novelos que daqui seguiam para a urideira. Esta era a fase mais especializada do trabalho do linho, porque era na uridura que se calculava a largura do tecido. A espadilha com 12 ou 18 furos, determinava se o tecido ia ser de vara ou de vara e

meia.

A uridura era carregada no tear, fazendo passar os fios pelo pente. Com auxílio do caneleiro, faziam-se pequenas maçarocas enroladas num pequeno pedaço de cana que depois eram metidas dentro da lançadeira, a qual ia de um lado ao outro da teia.

Depois de tecido, o linho voltava novamente à barreira, feita nos cestos barreleiros, com água a ferver, cinza e, na última barreira, com pés de alfazema ou alecrim, para o deixar com cheiro agradável.

O linho era considerado um tecido nobre e ao mesmo tempo duradouro. Por esse motivo é que todas as roupas brancas dos altares nas Igrejas, de uso litúrgico costumavam ser confeccionadas em linho. Era também usado em todas e quaisquer peças, tanto no vestuário como em enxoval de cama, toalhas de mesa e rosto, panos de cozinha, rendas, cordas, etc.

Em Portugal, os centros principais de cultura do linho eram as regiões de Alcobaça, Ponte de Lima, Guimarães, Vila de Conde e Braga.

SÉRGIO VIANA

PALMEIRA

MONTERROSO

CHEGADAS E PARTIDAS

Foram vários os nossos conterrâneos e assiantes amigos que nos visitaram a apresentar cumprimentos por nosso intermédio ao Jornal bem como a liquidarem e renovarem as respectivas assinaturas. Assim liquidaram por nosso intermédio as suas assinaturas os amigos assinantes:

Carreira António, dois anos 4.000\$00, Albino Pinheiro, dois anos 4.000\$00, Lopes Adelino 2.000\$00, José Vilaça Duarte 1.500\$00, Pires Brás António 2.000\$00, Barros Torres Manuel (nova) 2.000\$00, Da Rocha Vasco, 2.000\$00. O bem hajam pela atenção dispensada e que o

Jornal possa continuar a levar sempre novas mensagens e lhes sirva de lenitivo.

Também depois de longos anos de ausência e emigrados na Argentina, estiveram por cá a matar saudades com amigos e familiares os conterrâneos Afonso Couto dos Santos, e esposa Maria da Conceição Cardoso da Silva, bem como sua irmã Maria Amélia Cardoso da Silva Dias e Marido Adélio Martins Dias e marido Adélio Martins Dias, que depois de tantos anos de ausência se manifestaram deveras surpreendidos com a evolução da nossa e sua terra.

Boas férias e feliz regresso aos locais de trabalho e que voltem sempre ao nosso convívio para reverem velhas amizades e familiares.

ÓBITOS

Faleceu no dia 31 de Agosto a nossa estimada conterrânea Maria Emília de Lima, natural desta Freguesia-lugar de Vila Nova, passando os últimos dias da sua vida, em casa de um dos seus filhos em Mecerres (Vila Cova), estando viúva, há bastantes anos de José Gonçalves de Matos, deixou-nos com 90 anos de idade e era mãe de sete filhos.

Aos seus familiares residentes em Curvos, endereçamos as mais sentidas condolências.

Jornal «Farol de Esposende» n.º 84 de 22 de Setembro

CARTÓRIO NOTARIAL DE ESPOSENDE CERTIFICADO

CERTIFICADO que, por escritura de 29 de Agosto de 1994, lavrada a fls. 64, do livro n.º 69-C, de «Escrituras diversas», deste Cartório, foi outorgada uma JUSTIFICAÇÃO, na qual MANUEL RAMOS DOS SANTOS, casado, residentes no lugar da Igreja, da freguesia de Gandra, deste concelho, na qualidade de procurador de ANTÓNIO DE SÁ PEREIRA LOMBA e mulher MARIA DE FÁTIMA LOPES BARBOSA, casados sob o regime da comunhão geral, residentes no lugar da Fonte, daquela freguesia de Gandra, DECLARARAM:

Que os seus representados por si e antecessores são donos e legítimos possuidores, com exclusão de outrém, de um prédio rústico, terreno de cultura, com a área de quatrocentos e sessenta metros quadrados, no sítio da Cortinha, da freguesia de Gandra, deste concelho, a confrontar do norte com Manuel Ramos dos Santos, sul Álvaro Maciel dos Santos Portela, nascente Carolina Fernandes Vassallo e poente António Lopes, não descrito na Conservatória do Registo Predial de Esposende, inscrito na matriz sob o artigo 263, com o valor patrimonial de três mil setecentos e sessenta e cinco escudos, e o atribuído de TREZENTOS MIL ESCUDOS.

Que os seus representados sempre estiveram na posse e fruição do identificado prédio, há mais de vinte anos, cultivando-o, pagando impostos, administrando-o com ânimo de quem exercita direito próprio, fazendo-o de boa fé, por ignorarem lesar direito alheio, pacificamente, porque sem violência, contínua e publicamente, com conhecimento de toda a gente, sem interrupção ou oposição de quem quer que seja.

Que, dadas as enunciadas características de tal posse, os seus representantes adquiriram o mencionado prédio por USUCAPIÃO, não dispondo, todavia, dado o modo de aquisição, de documento ou título formal que lhes facilite a prova do seu direito, base do registo que pretendem fazer a seu favor.

E, para suprir a falta de título, em nome dos seus representados, presta estas declarações para efeitos de primeira inscrição no registo predial.

ESTÁ CONFORME O ORIGINAL, NA PARTE TRANSCRITA E CERTIFICADA
CARTÓRIO NOTARIAL DE ESPOSENDE, vinte e nove de Agosto de mil novecentos e noventa e quatro.

A 1.ª Ajudante

Maria Emília da Silva Freitas Pereira Amorim

Lavandaria

GENI

Rua Barão de Esposende, 35

Telefone 96 22 06 4740 Esposende

Jornal «Farol de Esposende» n.º 84 de 22 de Setembro

CARTÓRIO NOTARIAL DE ESPOSENDE CERTIFICADO

CERTIFICADO que, por escritura de 29 de Agosto de 1994, lavrada a fls. 66, do livro n.º 69-C, de «Escrituras diversas», deste Cartório, foi outorgada uma JUSTIFICAÇÃO, na qual JOSÉ LAURENTINO DE SÁ PEREIRA LOMBA e mulher MARIA DE FÁTIMA CARDOSO MORAIS LOMBA, casados sob o regime da comunhão geral, residentes no lugar da Fonte, da freguesia de Gandra, deste concelho, DECLARARAM:

Que são donos e legítimos possuidores, com exclusão de outrém, de um prédio rústico, terreno de cultura, com a área de quatrocentos e sessenta metros quadrados, a confrontar do norte com Maria de Fátima de Sá Pereira Lomba, sul Manuel Ramos dos Santos, nascentes António Martins Ferreira e poente António Lopes, no sítio da Cortinha, da freguesia de Gandra, deste concelho, não descrito na Conservatória do Registo Predial de Esposende, inscrito na matriz em nome do Justificante marido sob o artigo 265, com o valor patrimonial de três mil setecentos e sessenta e cinco escudos, e o atribuído de TREZENTOS MIL ESCUDOS.

Que, sempre estiveram e se têm mantido na posse e fruição do identificado prédio, por si e antecessores, há mais de vinte anos, cultivando-o, pagando impostos, administrando-o com ânimo de quem exercita direito próprio, fazendo-o de boa fé, por ignorarem lesar direito alheio, pacificamente, porque sem violência, contínua e publicamente, com conhecimento de toda a gente, sem interrupção ou oposição de quem quer que seja.

Que, dadas as enunciadas características de tal posse, adquiriram o mencionado prédio por USUCAPIÃO, não dispondo todavia, dado o modo de aquisição, de documento ou título formal, que lhes facilite a prova do seu direito, base do registo que pretendem fazer a seu favor.

E, para suprir a falta de título, prestam estas declarações para efeitos de primeira inscrição no registo predial.

ESTÁ CONFORME O ORIGINAL, NA PARTE TRANSCRITA E CERTIFICADA.

CARTÓRIO NOTARIAL DE ESPOSENDE, vinte e nove de Agosto de mil novecentos e noventa e quatro.

A 1.ª Ajudante

Maria Emília da Silva Freitas Pereira Amorim

Jornal «Farol de Esposende» n.º 84 de 22 de Setembro

CARTÓRIO NOTARIAL DE ESPOSENDE CERTIFICADO

CERTIFICADO que, por escritura de 29 de Agosto de 1994, lavrada a fls. 68, do livro n.º 69-C, de «Escrituras diversas», deste Cartório, foi outorgada uma JUSTIFICAÇÃO, na qual MARIA DE FÁTIMA SÁ PEREIRA DA LOMBA MOREIRA e marido ANTÓNIO FERNANDO MOREIRA DE SÁ, casados sob o regime da comunhão geral, residentes no lugar da Fonte, da freguesia de Gandra, deste concelho, DECLARARAM:

Que são donos e legítimos possuidores, com exclusão de outrém de um prédio rústico, terreno de cultura, com a área de quatrocentos e sessenta metros quadrados, no sítio da Cortinha, da freguesia de Gandra, deste concelho, a confrontar do norte com Manuel Henrique Sá Pereira Lomba, sul José Laurentino Sá Pereira Lomba, nascente António Martins Ferreira e poente António Lopes, não descrito na Conservatória do Registo Predial de Esposende, inscrito na matriz em nome da outorgante mulher sob o artigo 266, com o valor patrimonial de três mil setecentos e sessenta e cinco escudos, e o atribuído de TREZENTOS MIL ESCUDOS.

Que, sempre estiveram e se têm mantido na posse e fruição do identificado prédio, por si e antecessores, há mais de vinte anos, cultivando-o, pagando impostos, administrando-o com ânimo de quem exercita direito próprio, fazendo-o de boa fé, por ignorarem lesar direito alheio, pacificamente, porque sem violência, contínua e publicamente, com conhecimento de toda a gente, sem interrupção ou oposição de quem quer que seja.

Que, dadas as enunciadas características de tal posse, adquiriram o mencionado prédio por USUCAPIÃO, não dispondo, todavia, dado o modo de aquisição, de documento ou título formal, que lhes facilite a prova do seu direito, base do registo que pretendem fazer a seu favor.

Em para suprir a falta de título, prestam estas declarações, para efeitos de primeira inscrição no registo predial.

ESTÁ CONFORME O ORIGINAL, NA PARTE TRANSCRITA E CERTIFICADA.

CARTÓRIO NOTARIAL DE ESPOSENDE, vinte e nove de Agosto de mil novecentos e noventa e quatro.

A 1.ª Ajudante

Maria Emília da Silva Freitas Pereira Amorim

AS REPORTAGENS FOTOGRÁFICAS TÊM O APOIO DA FOTO - BIT

MEDALHÍSTICA DE ESPOSENDE E SEU CONCELHO

(Continuação.)

Por MANUEL ALBINO PENTEADO NEIVA

APÚLIA

Autor: Jorge Coelho
Módulo: Circular-80 m/m
Emissão: 300 exemplares em Brônze
Data: 1988



ANVERSO

Em campo pleno, um par de Sargaceiros, tendo como fundo o Mar. Na praia vê-se um barco e alguns instrumentos da apanha do sargaço.

REVERSO

Circundada por uma palma, aparece a legenda:

«APÚLIA — Elevação a Vila aprovada em Assembleia da República em 11 de Março-88-Lei N.º 47/88-19 de Abril».



Nota: Trabalhamos com base na Medalha N.º 100

CAIXA DE CRÉDITO AGRÍCOLA MÚTUO

Autor: (?)
Módulo: Circular-78 m/m
Emissão: (?) exemplares em Bronze
Data: 1990



ANVERSO

Símbolo do Crédito Agrícola Mútuo, tendo em círculo: «Crédito Agrícola Mútuo — Uma Raiz no País»

REVERSO

No campo central uma alegoria aos pescadores através de uma rede.

No campo superior, à esquerda, o brasão de Esposende, à direita a legenda «C.C.A.M.-Esposende»

No campo inferior vê-se uma vista de Esposende, partindo do rio e algumas embarcações tradicionais. À direita a legenda «Fundada em 1937»



O FORTE DE S. JOÃO BAPTISTA E O FAROL DE ESPOSENDE

(Continuação da última pág.)

construção do edifício e 438.600 reis para a aquisição de equipamento.

No entanto, em 1913 a luz ainda não tinha sido substituída e conta disso dá-nos a Associação Comercial e Industrial de Esposende, que em sessão extraordinária de 28 de Janeiro desse ano oficiou ao Ministro da Marinha, dando da «falta que nesta costa marítima faz um faról

que substitua com vantagem o actual farolim desta barra, o qual pouquíssimo aproveita à navegação» (Teixeira de Aguiar, op. cit. pp. 236).

A partir de 1893 registam-se importantes modificações tecnológicas e supõe-se que Esposende figura entre os Farolins e Faróis a usar o novo aparelho iluminante que seria semelhante ou mesmo igual ao desta descrição:

«aparelho do tipo n.º 2 (dióptrico e catadióptrico de 0,300m de diâmetro), com um bico de duas torcidas de 12 linhas, provido de uma chaminé encarnada: a altura do foco luminoso acima do terreno era de 8,20m e 13,9m acima do do nível do mar, sendo a lanterna arriada para a acender e para o apagar, por meio de uma corrente que media 13 metros» (Teixeira de Aguiar, op. cit. pp. 236).

As obras de ampliação começam em 1916/1917, com a ampliação da casa do faroleiro, e é encomendado em 1922 à firma *Barbier, Bénard e Turenne* o fornecimento de uma torre de ferro destinada a receber um novo aparelho de iluminação. Encomenda-se também à mesma casa uma sereia dupla do tipo «Milot», que seria acionada por motores de 40 cavalos a petróleo.

As obras só iriam terminar em 1925 e o farol passou a funcionar na estrutura metálica ainda hoje existente desde 10 de Abril de 1925.

Em 1938 é electrificado, por ligação à rede pública de distribuição de energia e a luz sofre alterações, deixando de ser fixa e passando a ser de relâmpago, melhorando-se o seu alcance de 13 para 22 milhas.

Recentemente, em 1978, foi desmontado o sistema

sonoro existente na plataforma superior da lanterna (as sereias, conhecidas por «ronca» devido ao som característico e semelhante ao mungido de animal) e montou-se um novo sistema sonoro, eléctrico, para o qual foi construída uma estrutura metálica autónoma na ponta norte da barra de Esposende, sobre um molhe já existente.

A instalação de um detector de nevociro para arranque automático do sinal sonoro, tornou o farol quase indepen-

dente da intervenção humana, num esforço tecnológico de automatizar os equipamentos à tutela da Direcção de Faróis, organismo responsável pelo seu serviço e funcionamento.

Recentemente (1994) sofreu a torre metálica do Farol de Esposende uma intervenção por parte desta Direcção no sentido da sua conservação e restauro, pois este tipo de estrutura faz parte de um verdadeiro espólio de exemplares da Arque-

ologia Industrial nacional à guarda daquele organismo.

A recuperação das sereias não foi possível até porque a estrutura para ser recuperada necessitou de ser aliviada do seu peso extra, sendo retirado o varandim superior à lanterna e colocado em sua substituição uma nova cúpula, mais de acordo com o desenho desta estrutura, embelezando-a para além de permitir o prolongamento da vida desta torre, emblema da costa de Esposende.

CONSTRUÇÕES GOMES DA CUNHA

VENDE

NO MELHOR LOCAL DE ESPOSENDE, APARTAMENTOS TIPO:

T2 E T3

T1, T2, T3, T3 + 1 E T3 + 2 DUPLEX

VISITE O ANDAR MODELO

TODOS OS DIAS DAS 14H00 ÀS 18H45, NA RUA SANTA MARIA DOS ANJOS (PRÓXIMO DA IGREJA MATRIZ).

ESCRITÓRIOS:

RUA DOS BARBOSAS, 139

SALA 1/1A, 4700 BRAGA

TELEF.: (053) 961125, 72834, 616886

SEU FUTURO ESTÁ NO ENGLISH CENTRE

- Curso Juvenil a partir dos 7 anos.
- Cursos para jovens, a partir da 4.ª classe
- Apoios aos liceus
- Cursos especiais para adultos em empresas
- Preparação para os exames de CAMBRIDGE (reconhecido em mais de 50 países)

Informações e inscrições a partir de 19 de Setembro, às Segundas, Quartas e Sextas, das 15 às 17,30 horas.

ENGLISH CENTRE

11 Anos de trabalho e de sucesso
Junto aos Correios, 1.º andar, Esposende.
TELEF. 961 373

T.N.F — EMPRESA DE CONTABILIDADE DE BRAGA, LDA.

Avenida Valentim Ribeiro, Bloco 3 Entrada 2, 1.º Dto.

Tel. 961680

4740 ESPOSENDE

EMIGRAÇÃO ILEGAL

Muitas têm sido as pessoas que foram já apanhadas na malha da ilegalidade, em países estrangeiros, por não terem prestado a devida atenção à legislação vigente, que regulamenta a intenção da fixação fora do país, ou não terem tomado providências e as devidas cautelas em relação aos intermediários, empresas ou redes de engajamento, que, por vezes, operam à margem do preceituado legal.

Assim sendo, e no sentido de ajudar o cidadão português a precaver-se, vamos transcrever uma nota informativa, que nos chegou à redacção, da Direcção-Geral dos Assuntos Consulares e Comunidades Portuguesas, Delegação de Braga.

«1. Recordar-se, uma vez mais, que as agências privadas de colocação e as empresas de trabalho temporário carecem de autorização do Instituto de Emprego e Formação Profissional para o exercício de actividade, e só podem colocar trabalhadores no estrangeiro nos casos previstos no art.º 5.º do Decreto-Lei n.º 124/89, de 14 de Abril, e do art.º 12.º do Decreto-Lei n.º 358/89, de 17 de Setembro.

2. Devem, pois, os trabalhadores interessados avaliar, cuidadosamente, dos riscos e condições de trabalho a que se sujeitarão, libertando-se de promessas sedutoras, falsas, entrecaladas até de boas intenções e de muitas regalias à mistura com explorações.

3. Assim, aconselha-se a que todo o cidadão, interessado em trabalhar no estrangeiro, antes de subscrever qualquer contrato e ou de assumir compromissos de partida sem o atendimento e a definição clara das condições de trabalho que lhe são propostas, se preocupe em contactar um dos seguintes Serviços:

a) Delegação Regional de Braga da Direcção-Geral dos Assuntos Consulares e Comunidades Portuguesas — Av.ª da Liberdade, 168-1.º Dt.º — 4700 Braga;

b) Centros de Emprego da área das suas residências;

c) Inspeção-Geral do Trabalho.»

NOTA

«Esclarece-se que, nos termos do art.º 32 do Decreto-Lei n.º 438-88, de 29-11-88, o cidadão que comprove a intenção de se fixar em país estrangeiro beneficiará de uma redução de 10% no passaporte e taxas aplicáveis, desde que, com o requerimento, apresente, simultaneamente, uma declaração emitida pelos Serviços da Direcção-Geral dos Assuntos Consulares e Comunidades Portuguesas, neste caso, passada por esta Delegação Regional, sita na Av.ª da Liberdade, 168-1.º — Braga,, a quem o interessado se deve dirigir.»

Jornal «O Farol de Esposende» n.º 84 de 22 de Setembro

CONSERVATÓRIA DOS REGISTOS CIVIL, PREDIAL E COMERCIAL DE ESPOSENDE

EXTRACTO DE DESPACHO PROFERIDO EM PROCESSO DE JUSTIFICAÇÃO — MARIA MARTINA DE FIGUEIREDO CEPa e marido MANUEL CORREIA MARTINS REIS, casados sob o regime da comunhão geral, ambos naturais da freguesia de Mar, concelho de Esposende, onde residem no Lugar de Cima, contribuintes n.ºs 156 181 061 e 130 944 602, pretendem suprir a falta de título para o registo de aquisição do prédio a seguir identificado:

PRÉDIO RÚSTICO composto de terreno de cultura de regadio e fruteiras com a área de duzentos e quarenta metros quadrados, no Sítio de A do Sousa, Freguesia de Mar, a confrontar do norte e

nascente com Delfim Figueiredo Cepa, do sul com José Vaz Salcero e do poente com Maria Lúcia Figueiredo Cepa. Inscrito na matriz sob o artigo setecentos e noventa e nove em nome da justificante Maria Martina de Figueiredo Cepa e com o valor patrimonial de cinco mil, setecentos e sessenta e dois escudos.

Feitas as buscas, verificou-se que o prédio não se encontra descrito.

Pela prova produzida, conclui-se que desde mil novecentos e setenta até ao presente, após herança verbal por óbito de Torcato Alves Martins Cepa e Maria Cerqueira de Sousa Figueiredo, ininterruptamente com exclusão de outrém com conhecimento de toda a gente

e sem oposição, sendo assim essa posse contínua, pública e pacífica, pelo que tendo o prédio sido adquirido por usucapião pode ser estabelecido o trato sucessivo, na modalidade da inscrição prévia, nos termos indicados no art.º 9.º n.º1 do Decreto-Lei n.º 312/90 de 2 de Outubro.

Que o presente despacho pode ser impugnado conforme o disposto no Título VII do Código do Registo Predial, nos trinta dias a seguir à publicação e de harmonia com o art.º 6.º n.º2 do citado Decreto-Lei.

Esposende, aos trinta e um de Agosto de mil novecentos e noventa e quatro.

O Ajudante em exercício
Ilegível

Jornal «Farol de Esposende» n.º 84 de 22 de Setembro

CARTÓRIO NOTARIAL DE ESPOSENDE

CERTIFICADO

CERTIFICADO que, por escritura de 29 de Agosto de 1994, lavrada a fls. 70, do livro n.º 69-C, de «Escrituras diversas», deste Cartório, foi outorgada uma JUSTIFICAÇÃO, na qual MARIA JOSÉ DE SÁ PEREIRA LOMBA DOS SANTOS e marido MANUEL RAMOS DOS SANTOS, casados sob o regime da comunhão de adquiridos, residentes no lugar da Igreja, da freguesia de Gandra, deste concelho, DECLARARAM:

Que, são donos e legítimos possuidores, com exclusão de outrém, de um prédio rústico, terreno de cultura, com a área de quatrocentos e sessenta metros quadrados, no sítio das Cortinhas, da freguesia de Gandra, deste concelho, a confrontar do norte com Paula Cristina de Sá Pereira Lomba, sul Ana Maria de Sá Pereira Lomba, nascente Júlio de Azevedo Felgueiras e poente António Martins, não descrito na Conservatória do Registo Predial de Esposende, inscrito na matriz em nome do outorgante marido sob o artigo 269, com o valor patrimonial de três mil setecentos e sessenta e cinco escudos, e o atribuído de TREZENTOS MIL ESCUDOS.

Que, sempre estiveram e se têm mantido na posse e fruição do identificado prédio, há mais de vinte anos, cultivando-o, pagando impostos, administrando-o com ânimo de quem exercita direito próprio, fazendo-o de boa fé, por ignorar lesar direito alheio, pacificamente, porque sem violência, contínua e publicamente, com conhecimento de toda a gente, sem interrupção ou oposição de quem quer que seja.

Que, dadas as enunciadas características de tal posse, adquiriram o mencionado prédio por USUCAPIÃO, não dispondo, todavia, dado o modo de aquisição, de documento ou título formal, que lhes facilite a prova do seu direito, base do registo que pretendem fazer a seu favor.

E, para suprir a falta de título, prestam estas declarações, para efeitos de primeira inscrição no registo predial. ESTÁ CONFORME O ORIGINAL, NA PARTE TRANSCRITA E CERTIFICADA

CARTÓRIO NOTARIAL DE ESPOSENDE, vinte e nove de Agosto de mil novecentos e noventa e quatro.

A 1.ª Ajudante
Maria Emília da Silva Freitas Pereira Amorim

QUALIFICAÇÕES DISPONÍVEIS PARA O MERCADO DE TRABALHO

Com o objectivo de informar os potenciais empregadores, e em colaboração com o Instituto do Emprego e Formação Profissional — Centro de Emprego de Barcelos —, vamos divulgar os dados, referentes ao mês de Julho, relativos às profissões

com maior número de desempregados inscritos no citado Centro de Emprego.

Refira-se que os quadros a seguir dizem respeito aos concelhos de Esposende e de Barcelos.

ESPOSENDE

| DESIGNAÇÃO DA PROFISSÃO | NÚMERO DE INSCRITOS |
|--|---------------------|
| COSTUREIRAS..... | 48 |
| ESCRITUÁRIOS (Empregados de Escritório)..... | 42 |
| REMATADEIRAS, DOBRADORAS, EMBALADORAS | 37 |
| SERVENTE EM GERAL..... | 29 |
| SERVENTE DE LIMPEZA..... | 22 |
| SERVENTE DE CONSTRUÇÃO CIVIL..... | 22 |
| TROLHA..... | 20 |
| MOTORISTA DE VEÍCULOS PESADOS..... | 13 |
| CAIXEIRO (Empregado de Balcão)..... | 12 |
| AGRICULTOR..... | 10 |

Valores Referentes ao Julho/94

BARCELOS

| DESIGNAÇÃO DA PROFISSÃO | NÚMERO DE INSCRITOS |
|--|---------------------|
| ESCRITUÁRIOS (Empregados de Escritório)..... | 264 |
| SERVENTE EM GERAL..... | 146 |
| REMATADEIRAS, DOBRADORA, EMBALADORA, | 119 |
| COSTUTEIRAS..... | 116 |
| CAIXEIRO (Empregado de Balcão)..... | 55 |
| MOTORISTA DE VEÍCULOS PESADOS..... | 48 |
| SERVENTE DE LIMPEZA..... | 43 |
| MOTORISTA DE LIGEIRAS..... | 39 |
| TROLHA..... | 33 |
| EMPREGADO DE AMAZÉM..... | 28 |

Valores Referentes ao Julho/94

Jornal «O Farol de Esposende, n.º 84 de 22 de Setembro

SECRETARIA NOTARIAL DE BARCELOS

JUSTIFICAÇÃO

Certifico para efeitos de publicação, que por escritura de hoje, exarada a folhas vinte e cinco e seguintes, do livro de notas para escrituras diversas número Três-F, do Primeiro Cartório, desta Secretaria, MANUEL ALVES E MULHER MARIA BRÁS, casados sob o regime da comunhão geral, naturais da freguesia de Marinhãs, concelho de Esposende, onde residem no lugar do Outeiro, DECLARARAM O SEGUINTE:

Que, são actualmente, com exclusão de outrém, donos e legítimos possuidores, do seguinte:

Prédio rústico composto por pinhal e mato, com a área de dois mil duzentos e noventa e quatro metros quadrados, situado no lugar de Pinhote ou Moinhos, freguesia de Marinhãs, concelho de Esposende, a confrontar do Norte com José Lima Gonçalves Lacciras e outros e dos restantes lados com caminho, não descrito na Conservatória do Registo Predial de Esposende e inscrito na matriz rústica em nome do justificante marido sob o artigo 842, com o valor patrimonial de mil setecentos e sessenta e oito escudos e o atribuído de CINCO MIL CONTOS.

Que os justificantes não dispõem de título para efectuarem o registo

deste prédio na Conservatória, embora sempre tenham estado há já mais de vinte anos, na detenção e fruição do citado prédio.

Essa detenção e fruição foi adquirida e mantida sem violência, e exercida sem interrupção ou qualquer oposição ou ocultação de quem quer que seja, de modo a poder ser conhecida por todo aquele que pudesse ter interesse em contrariá-la.

Essa posse assim mantida e exercida, foi-o sempre em seu próprio nome e interesse e traduziu-se nos factos materiais conducentes ao integral aproveitamento de todas as utilidades do prédio, designadamente, cultivando-o e pagando os respectivos impostos.

É assim tal posse pacífica, pública e contínua e, durando há já mais de vinte anos, facultando-lhes a aquisição do direito de propriedade do dito prédio por USUCAPIÃO, direito que não pode ser comprovado por qualquer título formal extrajudicial.

Nestes termos, e não tendo qualquer outra possibilidade de levar o seu direito ao registo, vêm justificá-lo, nos termos legais.

Está conforme com o original. Secretária Notarial de Barcelos, trinta e um de Agosto de mil novecentos e noventa e quatro.

O Ajudante
Ilegível

decafil PVC Caixilharia, Lda.



Concessionário

FÁBRICA-SEDE:

Tels. (053) 965032 — Fax: (053) 965033
Agrela-Lugar de Eira de Ana
PALMEIRA — 4740 ESPOSENDE

DEP. VENDAS:

Telef. (02) 9373177
Rua Álvaro Castelões, 223-2.º
4450 MATOSINHOS

«MATEI POR AMOR»

(continuação)

Amanhecia. Já a princesinha Lisboa sorria tímida e airosa à prateada janela do Tejo. Surgiam as primeiras casas da Capital e António sentia o coração bater cada vez mais forte e pensava na sua querida. Cada silvo do comboio parecia gritar este nome para ele adorador: «Mimi», enquanto as rodas, no seu girar contínuo, respondiam: «António! António! António!...»

Que viagem aquela, em que tudo lhe falava de amor! Que viagem de amor! Que amor de viagem! E o pobre rapaz tirava da carteira uma fotografia da sua namorada e, com um beijo quente, animava-a:

— «Sossega, meu amor, sossega: ainda havemos de ser felizes!»

Assim chegara ao Rossio, entrando no coração de Lisboa com a Mimi no seu coração. O comboio abandonou a marcha, resfolegou, silvou, parou, tornou a resfolegar e a multidão, num enxame, invadiu os passeios.

António descera as escadas da estação e desaparecera nas ruas da cidade...

Minutos depois, entrava na igreja de S. Domingos, benzia-se, dobrava o joelho e, com fé, os olhos marejados e a alma em soluços, suplicava:

— «Senhor! Tu és Pai dos que sofrem... Não me desampares jamais. Ajuda-me a empregar-me. Protege-me sempre. Nas minhas aspirações, nos meus anseios, nas minhas alegrias e tristezas, sê Tu o meu guia, o meu Deus, o meu tudo... Senhor! dá-me coragem...

E a oração foi-se prolongando mais e mais. Quando finalmente saiu dali, António vinha reconfortado e já nada lhe metia medo. Com a ajuda de Deus, tudo é possível. Agora mais do que nunca estava disposto a encarar a vida com optimismo e a vencê-la.

Felizmente, conseguiu empregar-se ainda nesse mesmo dia. Mas o emprego não lhe dava o suficiente e, assim, via-se obrigado a passar fome, o que nunca antes lhe acontecera na sua terra natal.

Foi servir outro amo, mas se melhorou de situação por um lado, piorou pelo outro. Ao fim de uma semana, perdera ele sete quilos em peso.

E o rapaz via-se triste e desesperado, até que um dia se lembrou de escrever a um seu tio que residia há anos, no Rio de Janeiro. Se aquele rico lhe deitasse a mão, pensava!

Mas os dias foram passando e nem uma resposta obteve.

.....
Numa dessas tardes tristes de Fevereiro, o patrão

havia-lhe ralhado muito e António estava decidido a deixar o emprego. Quando voltou a casa, a dona da pensão disse-lhe:

— «Menino! estamos quase no fim do mês e, se não me paga o aluguer do quarto, eu ver-me-ei obrigada a despedi-lo... Enfim, tenha paciência, mas eu não posso estar aqui, de braços cruzados, à espera que lhe saia a sorte grande para pagar o que me deve...»

Coitado! Onde tinha ele o dinheiro? E donde podia esperá-lo?

Eram três horas da madrugada e ainda não tinha pregado os olhos. O seu grande amor, a sua situação desesperada, tudo lhe fazia antever um futuro trágico e desanimador. Então pensou no velho ditado: *Bom conselheiro, o travesseiro;* e lembrou-se de que, no dia seguinte, acordaria mais bem disposto e com mais coragem; e assim adormeceu.

Só às oito da manhã é que acordou. Na rua os eléctricos iam e vinham apressadamente, a gente corria aos seus empregos, era incessante o businar dos automóveis.

António foi à janela e pôs-se a admirar todo aquele movimento. Mas, de repente, alguém bateu à porta. A dona da pensão foi a correr. Um cavalheiro baixo, gordo, queimado pelo sol, de olhos garços e farta cabeleira preta, perguntava pelo senhor António.

— «Eu vou já chamá-lo... E pelo caminho, dizia lá para consigo: «Mais um calote pela certa!»

O rapaz não se fizera esperar. Foi descendo rapidamente as escadas e apareceu sorridente.

— «Olhe! — principiou o desconhecido — eu venho aqui convidá-lo para um negócio muito importante... Se o senhor aceita...»

— Quem dera!
— Pago-lhe a principiar oitocentos escudos por mês e depois, lá irei subindo ao ordenado conforme os seus merecimentos...»

António escutava tudo isso embevecido e radiante de júbilo.

— «Está bem assim?, continuava o cavalheiro. Serve-lhe o negócio ou quê?»

— Perfeitamente.
— Então, para começar, tome lá isto!» E atirou-lhe para as mãos um maço de notas.

O rapaz nem sabia o que responder. Agarrou timidamente o dinheiro e fitou insistentemente o seu futuro patrão.

— «Conte lá!» dizia este. António desenrolou, desenrolou e foi contando, foi contando todos aqueles papéis timbrados. Eram cento e cinquenta contos.

— «São para ti, mas não os gastes mal gastos. É o foliar do tio que tens no

Brasil. Trata do embarque e, daqui por três meses, espero que estejas lá a fazer-me companhia...»

E o cavalheiro retirou afim de tomar o «Clipper» e seguir imediatamente para o Rio.

António já não sabia onde estava. Cento e cinquenta contos nas suas mãos... que felicidade!

«Ao menos agora já poderei desposar a minha querida Mimi, pensava ele. Mas para já, que hei-de eu fazer? Ah, já sei — e batia na testa com força, — vou tirar a carta de motorista, comprar um automóvel e fazer uma viagem a Guimarães, que a namorada nem me vai conhecer. Depois trato da papelada, vendo o carro e sigo agora a Pátria Irmã»

Se bem o pensou, melhor o fez. Ao fim de pouco tempo, tirava ele a carta e, acto contínuo, resolveu vir a Guimarães, onde tinha a sua mais que tudo.

Saíra de Lisboa às dez da manhã e, ao cair da tarde, já avistava o monte da Penha. O seu «Studebaker» fora incansável na viagem e iria naquela velocidade nem que fosse até ao fim do

mundo. Mas o amor do seu coração ainda era mais forte e resistente.

Passara no Tournal, dera uma volta ao jardim e parara um pouco. Os seus conterrâneos rodearam-no, aqueles que antes o viam com desprezo mostravam-se agora muito cerimoniosos e cheios de amabilidade, aqueles que o odiavam sorriam-lhe... enfim era rico!

Mas o jovem ouvia-os com desdém e de novo deitou mãos ao volante e o carro lá seguiu vertiginosamente...

Tornou a aparecer. Parou no Tournal; António saiu e bate à porta da Mimi. Acorda a criada e, estupefacta, diz-lhe que havia dez minutos a sua querida patroa saíra em companhia da irmã.

— «E onde foram?»
— Ao colégio de Vila Pouca, mas não podem demorar muito...

— Bem! Obrigado!...»
E partiu a todas, em direcção ao Campo da Feira. Já ela regressava a casa. António viu-a e passou perto. Estendeu o braço e gritou:

— «Mimi!
— É ele! — bradou a ra-

pelo POETA MANUEL MERRELIHO

pariga como que sonhando — é ele!» E o coração parecia saltar-lhe do peito:

«É ele! é ele!...»

E Mimi não pode mais. O amor é cego. Enquanto o carro dava meia volta, ela desceu do passeio e precipitou-se para a rua de encontro ao seu amado.

António chegava com o carro perto de Beatriz. Parava.

— «A tua irmã?»

Mas aquela só gritava:

— «Ai!, ai!, a minha irmã!

— Onde está a Mimi?, perguntou ele mais aflito. E aquela, com as pernas presas e os olhos muito abertos, continuava gritando:

— «Ai!, a minha irmã!... Ai!, a minha irmã!...»

Alucinado, António saíra do carro. Dera dois passos e tropeçara no corpo de uma linda menina de olhos pretos, muito pretos; a boca estreita, muito estreita; e o rosto moreno, muito moreno... Era Mimi, que tinha sido atropelada.

Num abrir e fechar de olhos, o rapaz amarrou nela ao colo e ia a pô-la dentro do automóvel para a conduzir ao hospital. Então

ela, apertando-lhe com toda a força a mão esquerda; balbuciou a custo:

— «An... tónio, Antó... nio, amo-te!»

Aquele lá conseguiu soltar-lhe as mãos e seguiu a toda a pressa estrada fora... O automóvel ia a cem à hora e o seu coração dava a cem por minuto.

Chegara ao hospital e parara em frente à porta. António ia a levantar a sua querida Mimi e a erguê-la nos braços, mas ela vergava como um junco... estava morta.

Então, apunhalado, aquele olhou-a com piedade e ternura, fitou aqueles olhos tão escuros como a noite, tão negros como a morte, e disse num suspiro:

— «Ai de mim, triste e viúvo de paixões! Ai de mim! que negro destino!, que infeliz sorte... Matei por amor!».

(FIM)

**LEIA
E DIVULGUE
«FAROL DE ESPOSENDE»**

BOM DIA, INCOMPREENSÃO

Sob este sugestivo título, recebemos uma extensa carta do nosso amigo e conterrâneo Carlos Barros, a residir no Fundão, onde verbera sobre algumas situações por si verificadas aquando das suas últimas férias entre a «Família, os amigos e a Paisagem». Dela respigamos as seguintes passagens:

«Nasci, cresci e vivi nesta preciosidade paisagística e Natural, chamada Esposende, onde tenho sementeiras inúmeras amizades. As minhas raízes sociais, culturais, familiares e humanas foram extraídas e desenvolvidas nesta localidade donde soam, no âmago do meu espírito, os poemas e a sapiente escrita de um M. Boaventura e de um Correia de Oliveira sem falar noutros insígnies personagens das Artes e Letras oriundos destas paragens.

Como é habitual, todos os anos, venho passar férias a Esposende, depois de abandonar temporariamente as terras da Beira Interior e o local do exílio do Sebastião J. Carvalho e Melo — Marquês de Pombal. Quando chego à ponte de Luís Filipe — Ponte de Fão — respiro suavemente os aromas do rio Cávado, o cheiro do lodo e do limo e a maresia, um «cadinho odorífero» que me dá as boas vindas à chegada do meu «torrão natalício».

Visito a trilogia do costume: Família/Amigos/Paisagens, três amigos inseparáveis que dão essência ao meu «ser».

Afinal, porque razão escrevo ao nosso jornal? Precisamente, porque este ano, vi um Esposende diferente, mais intelectual, mais genuinamente policial, mais candidamente repressivo, intolerante e vigilante, uma vigilância em matriz de sarcástico e feita de uma forma irremediável.

Nos meus primeiros passos na bem asseada e limpa (falo das principais artérias do centro de Esposende e não do rio e das suas margens...) deparo com inúmeros agentes da GNR de pasta, por sinal negra, e de canetas (debaixo do braço, atuando sem piedade nem dó ou vice-versa, desde o simples cidadão esposendense ao incauto turista ou emigrante. Muitos de nós esposendenses assistimos a ininterruptas sessões de multas, dignas de registo no «Guinness Book». Um trabalho de recolha de matriculas meticulosas, embora manual.

Através deste comportamento, Srs. agentes, o Turismo será inevitavelmente afectado e a imagem de Esposende, terra de gentes pacatas, ordeiras e laboriosas, será injustamente denegrida.

Deve-se sim prevenir, acima de tudo, com atitudes pedagógicas onde impere o bom senso e depois, sim punir os prevaricadores às leis, regulamentos do código das estradas, pois esses existem naturalmente.

Transitar de carro por Esposende é uma ratocira, e uma mera distração é fatídica pois os agentes estão sub-repetidamente colocados em locais estratégicos não onde abunda alguma delinquência «roubos por esticão, em pleno dia, já assisti a dois...») ou estrangulamento do trânsito mas sim junto aos sinais colocados recentemente.

Tenho o maior respeito pelas forças para-militares deste país e de Esposende em especial, porque tenho alguns amigos que fazem parte delas ou que recentemente deixaram esta insigne corporação policial (diz-se, mais vocacionado para os meios rurais e nos meios urbanos é aquilo que se vê...).

Mas também devo realçar que estamos num Estado de Direito e que, como cidadão, desfruto de princípios ou preceitos Constitucionais que me garantem a liberdade de expressão e de pensamento e a crítica construtiva é um desses sectores que conduzem ao aperfeiçoamento do sistema democrático.

Estou convicto que talvez esses «agentes da GNR, amantes da multa, não sejam totalmente culpados, pois se actuam desta forma «repressiva», autêntica «caça ao pato», é porque devem existir orientações dos seus superiores hierárquicos, o que é de lamentar.

Ou será que existe algum prélio entre agentes especialmente de ex-agentes da guarda-fiscal recentemente incorporados na GNR? Como perguntar não ofende, é por isso que pergunto... Há Acções de Formação para professores, bancários... porque não existe para certas forças de segurança, onde se deve incentivar a capacidade de diálogo, compreensão, tolerância e de convivência entre cidadãos. Pessoalmente, sou sempre a mesma pessoa, quer use gravata, fato de treino, smoking ou andar de tronco nú... Na realidade, a indumentária parece modificar certas pessoas... Esquecem-se, o que é estar do outro lado do campo...

Para finalizar, informo que viem algumas vezes para casa às 1, 2 e três horas da matina a (conversar com amigos, pacificamente) e no espaço que calcurrei (Praça do Município, Rua direita, Rua N.ª Sr.ª da Saúde, Jardim), policiamente nem pó...

Ali, que vontade de conduzir de carro tive nessa altura...

Que me desculpem os que não gostaram deste artigo (penso que serão poucos...) e como quem cala consente, eu não quero consentir é por isso que não me calo!

Como escrevia Sócrates: «Penso, logo existo» e se existo, penso que esta crítica não irá cair no molhado! E se cair, continuarei a existir, criticando...

CAMPEONATO NACIONAL DA II DIVIÇÃO/B - Zona Norte

2.ª Jornada

Marco, 1 — Esposende, 1

UM PONTO POSITIVO E UM PONTO PERDIDO!

E manteve-se a tradição. De facto esta é a terceira época consecutiva em que a A.D.E. conquista pontos na sua deslocação ao Marco de Canavezes. Há dois anos empatou; a época transsacta venceu, e agora repetiu a proeza do empate.

Não pudemos assistir ao encontro mas pelas opiniões colhidas em depoimento de pessoas idóneas, o resultado está certo e espelha justiça quanto ao que as duas equipas produziram. Todavia alguns adeptos esposendenses terão ficado um tanto frustrados, pois a cerca de dez minutos do final do jogo a A.D.E. estava na posição de vencedora. E, entretanto, em jogada aparentemente sem perigo, o Marco aproveitou uma desatenção do sector recuado esposendense, nomeadamente do guarda-redes Lourenço e, quando tudo parecia indicar que os dois pontos não escapariam,

cis que os marcoeses empataram a partida.

Apesar de tudo, este desfecho foi um resultado positivo para a A.D.E., equipa que possui jogadores com valor para ambicionar mais do que empates, seja em que campo for.

Neste encontro, o golo da A.D.E. foi marcado por Paulo Teixeira.

3.ª Jornada

Esposende, 0 — Vianense, 0

Mau jogo de futebol e resultado certo

Na terceira jornada do campeonato, jogaram em Esposende a equipa local e o Vianense. Foi um péssimo encontro de futebol, com os homens de Viana com o objectivo de pontuarem, enquanto os jogadores da A.D.E. se deixaram adormecer pela teia bem montada pelos vianenses.

Se na ronda anterior os esposendenses haviam conquistado o primeiro ponto positivo, agora cederam o primeiro ponto negativo.

A muita assistência no campo Pe. Sá Pereira que pagou caro para presenciar um bom jogo de futebol saiu defraudada, pois viu tudo menos futebol bem jogado.

Petróleo, o atleta da A.D.E. que mais concretizou na época passada em que é sempre temido pelas defensivas contrárias, continua a não ser utilizado por Fernando Duarte.

Porquê? Deixamos a resposta para o técnico responder.

No final, como ninguém jogou para ganhar, o empate é o castigo merecido para tão mau espectáculo.

TAÇA DE PORTUGAL I ELIMINATÓRIA

Vila Real, 3 — Marinhas, 0

O Marinhas merecia o ponto de honra

Deslocando-se, novamente, a Trás-os-Montes, os marinheneses foram até Vila Real para defrontar a turma local, em jogo o contar para a I eliminatória da Taça de Portugal. Além de ter que fazer uma longa deslocação, o Marinhas defrontou uma equipa que o ano passado militava na II Divisão B, e esta época está na série B da III, requisitos preenchidos para subir novamente ao segundo escalão do nosso futebol.

Assim, pode dizer-se que os marinheneses foram eliminados sem constituir qualquer surpresa, visto que defrontaram, fora, uma formação melhor estruturada e ainda porque tiveram que jogar em campo relvado, piso a que os valorosos jogadores do F.C. do Marinhas não estão habituados. Todavia, por aquilo que fizeram, os marinheneses mereciam o ponto de honra e a diferença mínima espelharia melhor a verdade do jogo.

AUTOMOBILISMO



O carro dos vencedores

José Faria / Vítor Quintão dupla irresistível

Na segunda prova a contar para o Campeonato Nacional de Iniciados, realizada em Mondim de Basto, os forjano/esposendenses José Faria e Vítor Quintão venceram, com uma boa vantagem sobre os segundos classificados, o Rally de Mondim, disputado no fim de semana passado.

Com esta brilhante vitória

e depois de já terem triunfado no I Rally Cidade de Esposende, José Faria e Vítor Quintão comandam o campeonato nacional de rallys, sendo apontados como os mais sérios candidatos à vitória final.

Farol de Esposende felicita estes valorosos automobilistas que tão bem estão a representar o nome do nosso concelho. Parabéns e boa sorte para as restantes provas.

ANDEBOL



O Esposende Andebol prepara nova época

Depois de ter falhado a hipótese de subir à I Divisão Nacional, em seniores femininas, o Esposende Andebol Clube já começou os jogos de preparação para a nova temporada, nomeadamente nos escalões de seniores e de juvenis.

Resultados dos encontros disputados na pré época.

Torneio Amizade do Colégio de Gaia Seniores Femininas

Al. Garret, 21 — Esposende, 17
Colégio de Gaia, 21 — Esposende, 18
Vigorosa, 15 — Esposende, 14

Classificação

4.ª Lugar — Esposende

Jogo Particular Juvenis Femininos

Esposende, 26 — Sta. Joana, 19

Entretanto, vão começar os treinos para os escalões de infantis e bambis femininas, para meninas nascidas em 1982/83/84/85, sob a orientação da treinadora Prof.ª Amélia Martins.

Os dias e horários dos treinos são os seguintes:

- Quintas-feiras, 15.30 às 17.30 horas.
- Sábados, 10.00 às 12.00 horas
- Domingos, 10.00 às 12.00 horas

No quadro seguinte vamos publicar a estatística referente aos jogos realizados por todos os escalões do Esposende Andebol Clube, na época 93/94.

Estatística 93/94:

| N.º Competições | Equipas | Vitórias | Empates | Derrotas | Total | Golos + / - |
|-----------------|-----------|----------|---------|----------|-------|---------------|
| 16 | Bambis | 70 | 15 | 44 | 129 | 614 / 458 |
| 9 | Infant. | 23 | 1 | 12 | 36 | 510 / 413 |
| 9 | Iniciados | 44 | 2 | 15 | 61 | 974 / 611 |
| 13 | Juvenis | 42 | 3 | 12 | 57 | 907 / 624 |
| 5 | Esperan. | 12 | 1 | 11 | 24 | 392 / 307 |
| 9 | Seniores | 28 | 1 | 15 | 44 | 998 / 763 |
| 61 | Total | 219 | 23 | 109 | 351 | 4.295 / 3.176 |

Nacional da III Divisão Série A

3.ª Jornada

Marinhas, 1 — M. Fonte, 2

Marinhas infeliz não merecia perder

Não foram nada felizes os marinheneses no seu primeiro encontro em casa, para o campeonato, pois sofreram uma derrota e foram prejudicados por um árbitro que lhes negou, por duas vezes, uma grande penalidade, quando o resultado era uma igualdade a uma bola.

O Maria da Fonte inaugurou o marcador, contra a corrente da jogada e depois do Marinhas ter falhado diversas oportunidades de golo. Entretanto os marinheneses conseguiram a igualdade, mas quando já jogavam com dez unidades, por expulsão de Marcelino, os homens da beira-mar sofreram o segundo golo e a consequente derrota num jogo cujo resultado mais certo seria o empate.

O golo do Marinhas foi marcado por Mário.

O golo do Marinhas foi marcado por Mário.

PROVAS DISTRITAIS A.F. DE BRAGA

Depois de se terem iniciado os campeonatos nacionais, também a nível distrital já mexem os cordelinhos da bola. Assim, enquanto as equipas seniores da A.F. de Braga começaram oficialmente pela Taça A.F. de Braga, os Júniores, da I Divisão Regional, deram o pontapé de saída no seu longo campeonato, de 34 jornadas.

Na Taça A.F. de Braga, para o escalão sénior, participaram quatro equipas do concelho de Esposende C.F.: de Fão; Gandra F.C.; Desportivo R. Estrelas do Faro e Forjães S.C., tendo sido eliminado, na primeira jornada, o Estrelas do Faro e na segunda ronda ficaram pelo caminho, o Forjães e o Gandra.

Relativamente aos Júniores, estão a participar no Campeonato da I Divisão de A.F. de Braga, as equipas do F.C. de Marinhas e da A.D.E., de quem se espera

um bom campeonato e muita dignidade desportiva.

Neste início de temporada, Farol de Esposende deseja a todos os clubes concelhios a melhor prestação desportiva e uma excelente divulgação das localidades que representam.

Resultados Taça A.F. de Braga I Eliminatória

- Fão, 5 — Pousa, 1
- Gandra, 3 — Negreiros, 2
- a) Granda, 2 — Forjães, 3
- a) Est. do Faro, 0 — A. Alvelos, 1

a) Resultados encontrados após prolongamento, pois no tempo regulamentar registava-se uma igualdade.

II Eliminatória

- Fão, 2 — Forjães, 1
- Gandra, 1 — A. Alvelos, 4

Juniores I Divisão

1.ª Jornada

- Celcírós, 1 — Esposende, 3
- G. da Sé, 2 — Marinhas, 1

2.ª Jornada

- Esposende, 0 — Torcatense, 1
- a) Marinhas, — Andorinhas
- a) Adiado.

Preços do «Farol de Esposende»
Assinatura Anual País e Estrangeiro..... 1.500\$00
Número avulso..... 65\$00
Assinatura de apoio a partir de 2.000\$00
Publicidade, colaboração e novas assinaturas podem ser feitas em:
Residencial Acrópole
A/C João Pêrola
4740 Esposende
Telf.: 961941

«Farol de Esposende»
Quinzenário
Propriedade: Forum Esposendense, Associação Cívica para o Desenvolvimento e Progresso do Concelho de Esposende
Chefe de Redacção: Celestino Dias Costa
Redactores Permanentes: João Miguéis, A. Miquelino, Armindo Duarte, José Felgueiras, José Laranjeira, Lino Rei.
Colaboradores Permanentes: Dr. A. Bermudes
Dr. Agostinho Pinto Teixeira
Manuel António Monteiro
Dr.ª Ivone B. Magalhães
Dr. Joaquim Regado
Dr. Rui A. Faria Viana
Dr. Rui Cavaleiro da Cunha
Eng.º José Alexandre Losa
Conceição Carvalho
Pe. Manuel A. Coutinho
Dr. Virgínio Sá
Eng.º Manuel Moraes
Américo Loureiro
Correspondentes: Antas: Nereides Martins
Apúlia: Anselmo Fonseca
Fão: Prof. António Peixoto
Forjães: T.te Luis Gonzaga A. Coutinho
Gandra: Manuel Bernardo Santamarina
Mar: Dr. António Maranhão Peixoto
Marinhas: Rosa Maria Coutinho
Palmeira: Marcelino D. Pereira
Rio Tinto: António Ferreira Vileça
Curvos: Dr. Sérgio Viana
Redacção e Administração: Rua Barão de Esposende, 35 - 4740 Esposende
Composição e Impressão: Companhia Editora do Minho, S.A. Barcelos
N.º de Registo: 114969 / 90
Tiragem por quinzena-2.000 exemplares
Telefone: Sede, Redacção e Administração - 964836

LEIA E DIVULGUE «FAROL DE ESPOSENDE»



O FORTE DE

S. JOÃO BAPTISTA

E O FAROL DE ESPOSENDE*

* Dr.ª Ivone Baptista de Magalhães, responsável pelos Serviços de Museu

Estão a decorrer no nosso concelho as comemorações das Jornadas Europeias do Património, organizadas pela Câmara Municipal de Esposende, através dos seus Serviços de Arqueologia e que contaram também com a colaboração do Museu Municipal.

Foram seleccionados vários exemplares do nosso património concelhio para figurarem no programa nacional de comemorações para as Jornadas, mas tornou-se único candidato o Forte de S. João Baptista na barra de Esposende, local onde está implantado o Farol, exlibris aliás destas páginas onde, vez por outra, à sombra do seu nome se vai trazendo a toda uma outra luz, desta feita literária, com o que por aqui se faz em prol da cultura e do espaço cultural que por excelência é o nosso Museu.

Conhecido, mais pela sua torre metálica do que pelos seus equipamentos iluminante e sonoro, que tão preciosos serviços têm prestado a quem demanda o mar por estas bandas, foi considerado o exemplar do património concelhio a merecer honras de destaque para se revelar ao grande público sobre os seus aspectos mais ignorados.

Foi este o pretexto para fazer deslocar até ao Museu Municipal de Esposende uma Exposição da responsabilidade da Direcção de Faróis, organismo da Marinha sediado em Paços de Arcos, Lisboa, e que tem a seu cargo os Faróis, Farolins e Balizas do Continente e Ilhas, normalmente conhecidos por «Ajudas à Navegação» na bibliografia específica para o sector. Nesta exposição interessante de todos os aspectos, importa talvez realçar o conjunto de ópticas que fizeram ao longo do tempo a «luz do Farol de Esposende».

Num percuroso diacrónico, somos recebidos pelos equipamentos de incandescência a petróleo. Aqui o protagonista é uma espécie de candeeiro de latão, de luz de ocultação, obtidas através de cortinas movimentadas por um mecanismo de relojoaria. Segue-se a incandescência a gás e um conjunto de 5 ópticas eléctricas, todas provenientes da sala-museu da

Direcção de Faróis e que foram em várias fases sucessivas o farol do Farol de Esposende provenientes da sala-museu da Direcção de Faróis e que foram em várias fases sucessivas o farol do Farol de Esposende.

Além de outros objectos interessantes próprios à vida e ao serviço de farolagem, dois expositores, um sobre a *Evolução dos Faróis em Portugal* e outro o próprio Farol de Esposende, complemen-

de Faro) e S. Bartolomeu do Mar (referências para os séc. XVI e XVII). Provavelmente são os referidos para a *Linha da Direita de Esposende para o norte*, referidos no Regimento dos Fachos de 1831 («O Regimento dos Fachos de 1831... «Separata do Boletim Cultural da Póvoa de Varzim, Vol. VI, n.º 2, 1967).

Em 1812, Franzino fazia ver a necessidade de se dotar a costa de Esposende com um potente farol devido aos bai-



Desenho da «Lista de Faróis 1949)

tam esta mostra, digna de nota, pelo facto de todas as ópticas estarem a funcionar, cada uma na sua cor (luzes brancas, verdes ou vermelhas) e em ritmos alternados, dando à Sala dos Azulejos do Museu, espaço onde decorrem, as exposições temporárias, um efeito de luz e de cor capaz de surpreender até o visitante menos sensível.

Os Serviços de Arqueologia, com a colaboração do Museu, editaram uma pequena brochura policopiada sobre o Forte de Esposende, exemplar da arquitectura militar mais significativa para o nosso concelho, ainda que actualmente bastante demolido e característico, e sobre a sua relação com o Farol, do qual destaca um extrato que resume sumariamente a sua vivência.

1. Breve Historial do Farol de Esposende

A costa de Esposende, desde longa data exigia, devido à penedia e baixios nas proximidades, a existência de uma luz para aviso da navegação.

Sobrevivências das «casas de facho», encontramos no Facho da Bonança em Fão, e nos desaparecidos de Monte de Palmeira (Palmeira

xios existentes dos quais se destacavam como hoje os afamados Cavalos de Fão (Franzino, Marino Miguel «Roteiro das Costas de Portugal, ou Instruções Náuticas para inteligência e uso da carta reduzida da mesma costa e dos planos particulares dos seus principais portos», Imprensa Régia, 1812 op. cit. in «O FAROL DE ESPOSENDE», Teixeira de Aguiar, Anais do Clube Militar Naval, Vol. CXVIII, Abri-Jun. 1988, pp. 233).

Outra referência chega-nos pelo engenheiro maquinista da Armada, Carlos Augusto Pinto Ferreira, no seu livro «Breve dissertação sobre Pharoes — a propósito de uma visita à exposição universal de Paris em 1867» (Teixeira de Aguiar, op. cit. pp. 235) que nos diz que «Em Dezembro de 1866 recebia a barra de Esposende uma luz de porto ou farolim lenticular montado no seu respectivo candelabro de ferro, colocado no antigo Forte à entrada da Barra.

A luz é vermelha e tem um alcance de 7 a 8 milhas em boas condições atmosféricas. Esta obra também foi feita pela nossa oficina de faróis».

Essa luz viria a revelar-se insuficiente e em 1882 fazem-se projectos para a sua substituição «Projecto de aluminação e balizagem dos portos do Continente do Reino», da Comissão de Faróis e Balizas, in Teixeira de Aguiar, op. cit. pp. 236), cujo orçamento do novo farol ronda os 251.400 reis para a

HOMENS DO MAR DE ESPOSENDE NO PORTO DE VILA DO CONDE

por MONTEIRO DOS SANTOS

(2)

Na sequência do nosso trabalho, publicado no número anterior trazemos mais alguns nomes de mestres de embarcações, caravelas e patachos, que entre 1652 e 1666 demandaram o porto de Vila do Conde com cargas de sal e cal que aí venderam. Não que a intensidade do comércio tenha qualquer significado, antes pelo contrário é bem pobre, basta que em catorze anos apenas oito carregamentos foram efectuados. O grosso do comércio da cal e do sal era feito por homens do mar de Setúbal, Cascais e Sesimbra. Parece, ou a mim parece, que o grande trato dos barcos de Esposende seria com a Vila de Caminha. Quem tiver vagar e vontade de vasculhar os livros (se é que os há) daquela lindíssima vila do nosso norte, poderá confirmar este pensar e enriquecer grandemente o rol dos Homens do Mar de Esposende, num período pouco conhecido, o século XVII.

Nos jornais há-de fazer-se jornalismo, que o mesmo é dizer: informação clara, precisa e concisa. Vamos, pois, ao que importa extraído do «Livro do registo do imposto sobre as entradas dos vinhos e mais coisas (1) e que respeitam ao período que medeia entre 1652 a 1666, com a excepção de um outro, referido bem antes, em 1623.

19.10.1623 — Simão Domingos, de Fão, mestre do seu navio trouxe para Frutuoso da Costa, mercador, morador em Vila do Conde, 80 moios de cal.

10.05.1652 — Manuel Martins de Moraes, mestre da sua caravela «S. João» que trazia 120 moios de cal que vendeu. Pagou à alfândega 24 moios e a este direito 96 moios — 11520rs.

10.05.1652 — João Roriz, mestre do patacho «Nossa Senhora do Bom Despacho» que trazia 140 moios de cal. Pagou à alfândega 28 moios e ao direito 112 moios — 13044rs.

6.02.1661 — Salvador Domingues, mestre da caravela «Nossa Senhora e S. João Baptista» de 40 moios de sal que trouxe de Lisboa e que pela rasa desta vila fizeram dois milheiros e meio — 3000rs.

15.06.1661 — Manuel Martins, mestre da caravela «Nossa Senhora do Rosário e Almas» de 756 rasas de sal que lançou e vendeu nesta vila, pelo mais levar na mesma caravela para Caminha, para onde ia fretada — 2628rs.

17.10.1661 — João Manuel, mestre da caravela «Nossa Senhora do Rosário e Almas», de 80 moios de sal, por certidão de Lisboa, que venderam pela rasa desta vila 4 milheiros e meio, dos quais abatidas 90 rasas que pagou a vintena, ficaram 4 milheiros e 110 rasas — 4930rs.

13.05.1666 — João de Faria, mestre do barco «Bom Jesus da Praça e Almas», de 56 moios de sal, a saber: de Lisboa 40 moios e de mondego 16 moios (?) — 4060rs.

23.12.1666 — O mesmo mestre, com 5 milheiros e um centro de sal da Vila de Aveiro. Aqui o barco é referido como: «Bom Jesus e Almas» — 8000rs.

27.06.1666 — Bartolomeu Gomes, mestre da caravela «Nossa Senhora do Rosário» com 170 moios de cal, por conta e risco do doutor Domingos Antunes Portugal, desembargador dos agravos da Casa da Suplicação «para a obra de uma capela que fazia no lugar de Zurara» (3) — 10000rs.

Aqui ficou o meu contributo para a história marítima de Esposende e Fão que me alegraria grandemente se de alguma maneira for útil.

(1) Arquivo Histórico Municipal de Vila do Conde — 1684, 1692, 1693 e 1696.

(2) Este João de Faria será o mesmo que casou o filho José de Faria, em 21.04.1664, com Maria de Mariz Pereira, filha de João Gonçalves de Mariz e de Catarina Manuel? Se for, era, então, casado com Isabel Roriz.

(3) A capela citada foi a que foi feita na igreja da Misericórdia de Azurara e onde está sepultado o Capitão Manuel Lopes Nanzinha, cavaleiro do hábito de Cristo.

O desembargador Domingos Antunes Portugal, casou com a viúva Maria dos Reis, sobrinha do capitão. Este conhecido desembargador foi autor do «Tractatus de Donationibus Regiis Jurium» era, ao avaliar pelo conhecido, homem que não perdia tempo. Quando casou com a citada senhora, apareceram na cerimónia três filhos dele, que a viúva, ao que parece, desconhecia, dando ao seguinte quadro do poeta satírico Dr. João Sucarello Claramonte — como se vê em «Azurara — subsídios para a sua monografia», por Bertino Daciano, Eugénio de Andrea da Cunha e Freitas e Serafim Gonçalves das Neves:

Ao ver aqueles três alarves
A viúva estremeceu
E Portugal lhes respondeu:
Estes são os meus Algarves.

Pela sua saúde...

MANTENHA AS PRAIAS LIMPAS



Quinta da Barca
Barca do Lago